



SILIO BOCCANERA JÚNIOR

OS CINEMAS DA BAHIA
1897-1918



OS CINEMAS DA BAHIA
1897 - 1918



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

REITOR
LOURISVALDO VALENTIM DA SILVA

VICE-REITORA
AMÉLIA TEREZA SANTA ROSA MARAUX

**EDITORA DA UNIVERSIDADE
DO ESTADO DA BAHIA**

DIRETORA
MARIA NADJA NUNES BITTENCOURT

CONSELHO EDITORIAL
ÉDIVA SOUZA MARTINS
JOSÉ CLÁUDIO ROCHA
MANOEL ABÍLIO DE QUEIROZ
MÁRCIA RIOS DA SILVA
MARIA EDESINA AGUIAR
MARIA NADJA NUNES BITTENCOURT
MÔNICA MOREIRA DE OLIVEIRA TORRES
VILSON CAETANO DE SOUSA JUNIOR
WILSON ROBERTO DE MATTOS
YARA DULCE BANDEIRA ATAÍDE

SUPLENTES
DELCELE MASCARENHAS QUEIROZ
JOSEMAR RODRIGUES DE SOUZA
KIYOKO ABE SANDES
LIANA GONÇALVES PONTES SODRÉ
LYNN ROSALINA GAMA ALVES
RONALDA BARRETO SILVA
WALTER DA SILVA FRAGA FILHO

EDUNEB
Avenida Jorge Amado, s/nº - Boca do Rio -
Pró-Reitoria de Extensão - PROEX
Salvador - BA / CEP. 41.710-050 -
(71) 3371-0107 / 0148 - R. 204
editora@listas.uneb.br
www.uneb.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITOR
NAOMAR DE ALMEIDA FILHO

VICE-REITOR
FRANCISCO JOSÉ GOMES MESQUITA

**EDITORA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA**

DIRETORA
FLÁVIA GOULART MOTA GARCIA ROSA

CONSELHO EDITORIAL
ANGELO SZANIECKI PERRET SERPA
CARMEN FONTES TEIXEIRA
DANTE EUSTACHIO LUCCHESI RAMACCIOTTI
FERNANDO DA ROCHA PERES
MARIA VIDAL DE NEGREIROS CAMARGO
SÉRGIO COELHO BORGES FARIAS

SUPLENTES
BOUZID IZERROUGENE
CLEISE FURTADO MENDES
JOSÉ FERNANDES SILVA ANDRADE
NANCY ELIZABETH ODONNE
OLIVAL FREIRE JÚNIOR
SÍLVIA LÚCIA FERREIRA

EDUFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n
Campus de Ondina
40170-290 Salvador-BA
Tel: (71) 3283-6160/6164
edufba@ufba.br
www.edufba.ufba.br

SILIO BOCCANERA JÚNIOR

OS CINEMAS DA BAHIA
1897 - 1918

SALVADOR - BA
EDUFBA/EDUNEB
2007

© 2007 EDITORAS DAS UNIVERSIDADES DA BAHIA - EDUNEB/EDUFBA

ESTA PUBLICAÇÃO É DE DOMÍNIO PÚBLICO, O EXEMPLAR UTILIZADO PARA RE-EDIÇÃO PERTENCE AO ACERVO DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA - IGHBA, CEDIDO ATRAVÉS DE SUA PRESIDENTE, PROFESSORA CONSUELO PONDÉ DE SENA. FORAM FEITAS AS ADEQUAÇÕES LINGÜÍSTICAS NECESSÁRIAS A FIM DE ATUALIZAR O TEXTO.

PROJETO GRÁFICO

GERALDO JESUÍNO

DIGITALIZAÇÃO

FERNANDO LUIS DE SOUZA JÚNIOR

EDITORACÃO E CAPA - ARTE FINAL

JOSIAS ALMEIDA JUNIOR

FOTO DA CAPA

KURSAAL BAHIANO

COORDENAÇÃO EDITORIAL

FLAVIA ROSA E NADJA NUNES

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa – UFBA

B664 Boccanera Júnior, Sílio, 1863-1928.

Os cinemas da Bahia, 1897-1918 / Sílio Boccanera Júnior; [prefácio de: Consuelo Pondé de Sena]. – Salvador: EDUFBA: EDUNEB, 2007.

114 p. : il.

ISBN 978-85-23204-68-6

978-85-86873-82-9

1. Cinema – Bahia – História, 1897-1918. 2. Salvador (BA) – Vida intelectual – História, 1897-1918. I. Título.

CDD – 791.43098142

CDU – 791.43(813.8)

Editoras filiadas à



Associação Brasileira das
Editoras Universitárias

SUMÁRIO

PREFÁCIO 9

A CREDENCIAL DESTE LIVRO
HISTÓRIA DOS CINEMAS DA BAHIA 19

THOMAS ALVA EDISON 21

OS CINEMAS DA BAHIA 23

O PRIMEIRO CINEMA DA BAHIA 26

FABRICO DE FILMES NA BAHIA 29

CINEMAS INAUGURADOS 30

DOS EXTINTOS 33

CINEMA LUMIÈRE 33

CASSINO CASTRO ALVES 35

CINEMA BAHIA 36

CINEMA CASTRO ALVES 38

O TEATRO SÃO PEDRO 40

CINEMA ÍRIS TEATRO 43

ECLAIR 44

PAZ E AMOR 44

CARABOO 44

PAZ E AMOR 45

OLYMPIA 45

DOS EXISTENTES	47
POLITEAMA BAIANO	47
NOVAS E RECENTES REFORMAS	50
LOTAÇÃO DO POLITEAMA	52
O POLITEAMA - CINEMA	53
TEATRO SÃO JOÃO	55
ARQUIVO MUSICAL	57
GUARDA - ROUPA	58
TELAS	58
CENÁRIO E MOBILIÁRIO	59
DEMOLIÇÃO	60
A DERRADEIRA TENTATIVA	61
O “MONTE DO SOCORRO” NO TEATRO	62
O SÃO JOÃO - CINEMA	63
EMPRESA JOÃO GERMANO	65
EMPRESA RUBEN GUIMARÃES	66
ORQUESTRA	67
CONCURSO DE COMÉDIAS	68
COMPANHIA NACIONAL DE COMÉDIAS	69
CINEMA DOS SALESIANOS	70
CINEMA IDEAL	72
LOTAÇÃO DO IDEAL	76
CINEMA DO FORTE DE SÃO PEDRO	76
CINEMA OLYMPIA	78
CINEMA RECREIO SÃO JERÔNIMO	86
KURSAAL BAHIANO	87

SÚMULA CRONOLÓGICA DE TODOS
OS CINEMAS DA BAHIA (1897-1918)91

POLITEAMA BAIANO (1891)	92
LUMIÈRE (1898-98)	92
EDISON (1898-99)	93
CASSINO CASTRO ALVES (1903-06)	93
SÃO JOÃO (1899)	94
SANTO ANTÔNIO (1907)	94
SALESIANOS (1907)	95
BAHIA (1909-11)	95
JANDAIA (1910)	96
BIJOU TEATRO CINEMA (1910-11)	96
POPULAR (1910)	97
AVENIDA (1910)	97
CASTRO ALVES (1910-11)	98
CENTRAL (1910-12)	98
RECREIO FRATELLI-VITA (1911)	99
BAHIA (1911-15)	99
RIO BRANCO (1911-12)	100
ÍRIS - TEATRO (1912-13)	100
SOLEDADE (1912-13)	101
IDEAL (1913)	102
PETTIT - CINEMA (1913-14)	102
RECREATIVO (1913-14)	103
CENTRO CATÓLICO (1913)	103
PARISIENSE (1914-14)	104
FORTE DE SÃO PEDRO (1914)	104
BARRA (1914-18)	105
OLYMPIA (1915)	105
CINE VENUS (1916-16)	106
RECREIO SÃO JERÔNIMO (1917)	106

CONCLUSÃO 108

PREFÁCIO

ESTE é mais um livro pioneiro do jornalista baiano, Sílio Boccanera Junior, que desenvolveu o presente trabalho de 1897 a 1918, intitulando-o: Os Cinemas da Bahia -1897-1918 – Resenha Histórica, publicando-o em 1919.

Sílio Boccanera Junior nasceu em Salvador (BA) a 3 de fevereiro de 1863, sendo filho do Comendador Sílio Boccanera e D. Emília Vaz Boccanera. Ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde se diplomou. Naquela capital viveu determinado tempo e desempenhou algumas funções públicas. Em seguida, regressou à terra natal, nela se fixando e passando a ocupar vários cargos significativos.

Espírito superior, era um temperamento inquieto e realizador, razão pela qual desenvolveu amplas atividades culturais na Bahia do seu tempo. Foi diretor do Teatro São João, fundou agremiações literárias e científicas, desfrutou de largo prestígio na terra natal. Da velha casa de teatro da Bahia, salvou muitas peças e objetos de valor, além de pesquisar intensamente os arquivos para escrever seu precioso livro “O Teatro na Bahia”. É ainda autor de “Bahia Histórica”, “Autores

e Atores”, “Bahia Cívica e Religiosa”, “A Bahia de Castro Alves”, entre outros trabalhos.

Casou-se em segundas núpcias com a atriz Luisa Leonardo, expressiva personalidade feminina que, a seu lado, marcou presença no meio cultural baiano. Com efeito, o casal de intelectuais brilhantemente atuou nos meios intelectuais da Cidade do Salvador.

Profundamente interessado em preservar a memória nacional, coligiu e salvou do extravio documentos alusivos ao maestro Carlos Gomes, publicando-os em duas obras patrocinadas pela municipalidade de Salvador. Homem de imprensa, escreveu nos jornais da época, proferiu muitas conferências e publicou valiosos livros.

Faleceu nesta capital, no dia 31 de agosto de 1928, aos 65 anos. Foi certamente o primeiro escritor conterrâneo a versar sobre o cinema.

De tal sorte que, não fora o seu permanente interesse em preservar a memória baiana, a história do cinema, não teria sido recuperada, em nosso meio, desde os seus primórdios. Minucioso investigador, o autor inicia suas informações com a notícia do mais antigo cinema de Salvador, situado no teatro Politeama.

Em seguida, escreve sobre o Cinema Lumière, de propriedade do italiano Nicola Parente, espaço de exibição que teria funcionado, com sucesso, na rua Carlos Gomes. Em seguida refere-se ao terceiro deles, denominado Cinema Edison, que se localizava em cima da Confeitaria Luso-Brasileira, na praça Castro Alves.

E, assim, pormenorizadamente, Sílio Boccanera traça a trajetória do cinema na Bahia, sem cuja contribuição não se teria como refazer a história da sétima arte em nosso meio.

Em nossa modesta opinião, reeditar os livros de Sílio Boccanera é presentear os leitores baianos com o acesso aos seus trabalhos, todos escritos com amor e dedicação à terra máter do Brasil.

Louve-se, portanto, mais esta iniciativa da UNEB, em parceria com o IGHB e a UFBA.

Salvador, 29 de março de 2007

Consuelo Pondé de Sena
Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

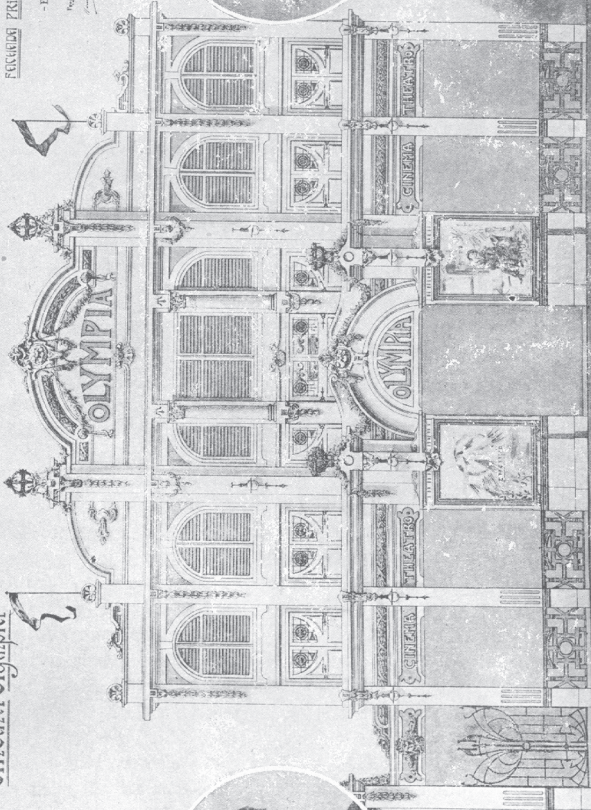
PROJECIO PARA A RECONSTRUCO
DO
"Cinema Olympia"

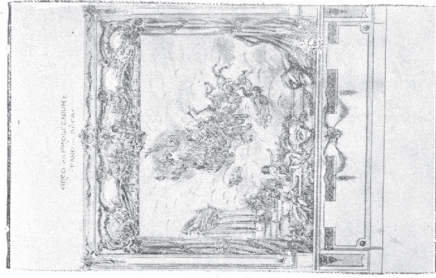
ESCALA PRINCIPAL

- ESCALA 4:100

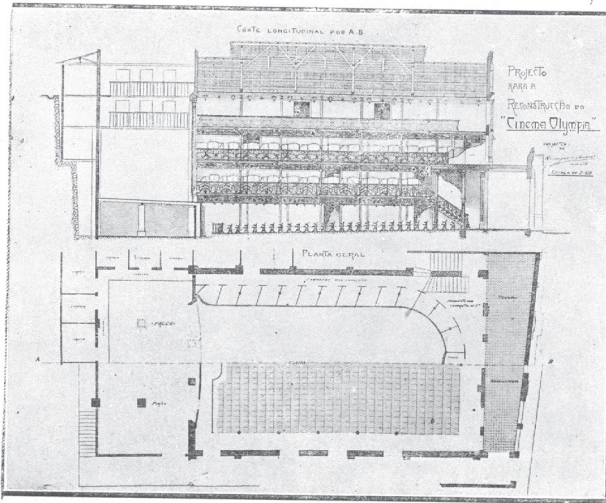
Figura 1. 1. 1. 1. 1.

Figura 1. 1. 1. 1. 1.

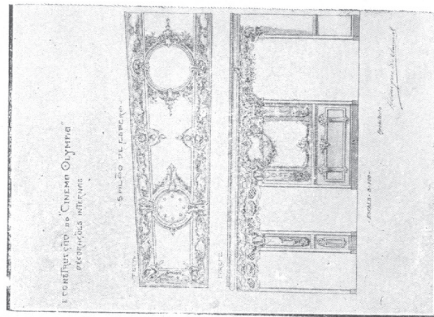




Panno allegórico de boca



Planta geral da reconstrução do Olympia

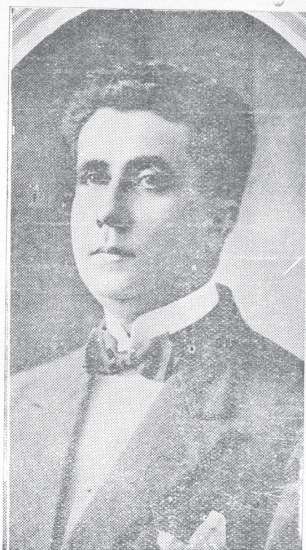




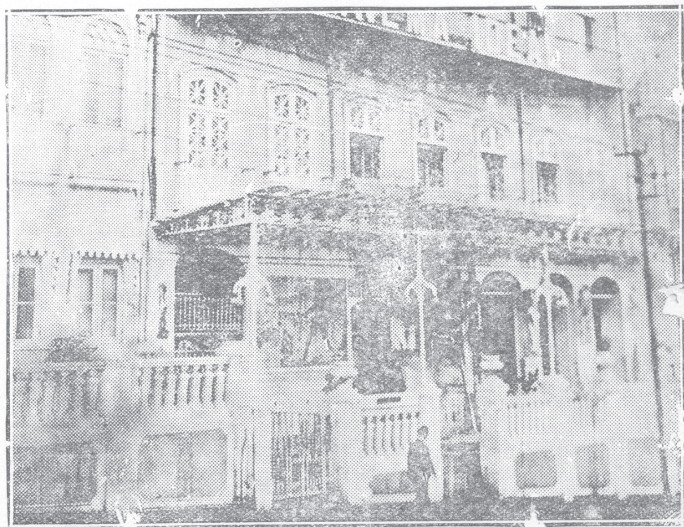
Cel. Ruben Pinheiro Guimarães
(actual arrendatário e empresário)

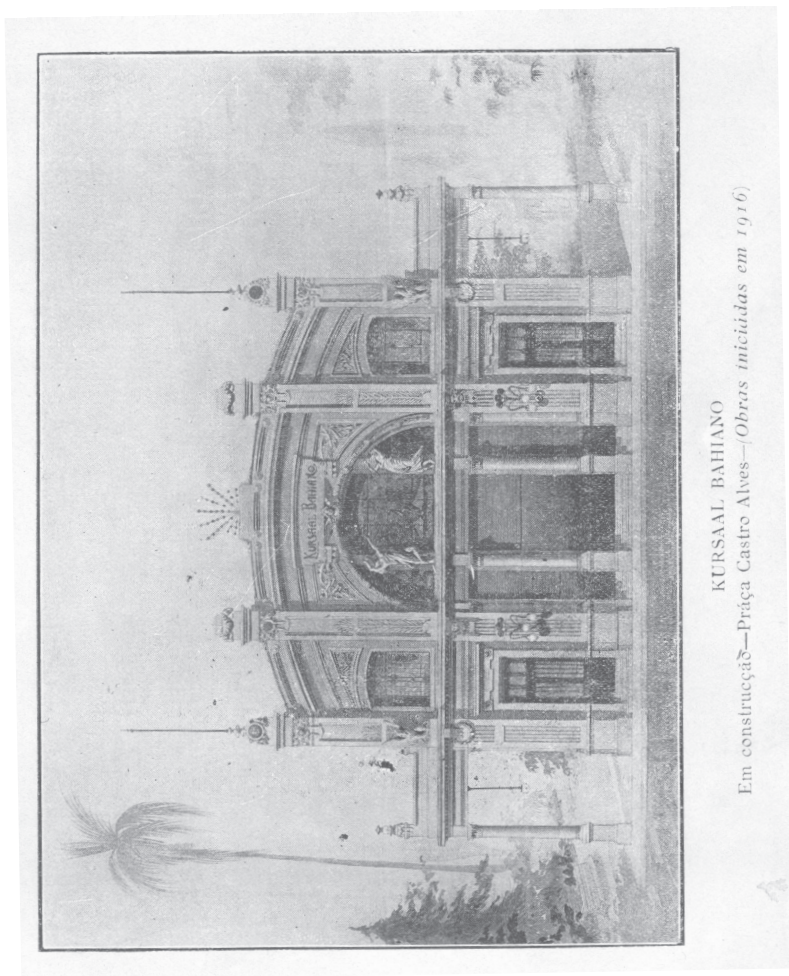


Facháda do Theatro S. João



Cel. João Gaudencio de Lima
(actual arrendatário e empresário)





KURSAAL BAHIANO
Em construçãõ—Praça Castro Alves—(Obras iniciadas em 1916)

A CREDENCIAL DESTES LIVRO HISTÓRIA DOS CINEMAS DA BAHIA

É o TÍTULO de uma nova obra de Sílio Boccanera Júnior, pronta para o prelo, e brevemente impressa, em forma de livro, com gravuras dos principais cinemas que funcionam nesta capital.

O trabalho é minucioso de informações interessantes e úteis, principalmente do ponto de vista histórico, em tudo que se refere, direta ou indiretamente a vida dos cinemas na Bahia, num ciclo de 22 anos, em que são estudados, isto é, desde o primeiro conhecido aqui, inaugurado no Politeama em 1897, até ao último da época atual.

Tem-se, ainda, por ele, esclarecimentos acerca da grande descoberta da cinematografia, e fabricação de filmes neste nosso Estado.

A obra é dividida em duas partes ocupando-se seu autor, na primeira, do histórico dos cinemas aqui inaugurados, que têm tradição, e na segunda registrar todos, por ordem cronológica, com anotações importantes, de todo o maior interesse para as empresas teatrais que viajam.

Seu prefácio é um grito de angústia profunda pela ruína do teatro, o nobre, o edificante, que moraliza, que civiliza e um anátema, do mesmo lança, sobre o novo elemento microbiano que nele se

inoculou o cinema, deixando-o no estado comatoso em que se acha de há muito.

O novo livro de Sílio Boccanera Júnior é, incontestavelmente, pois com atenção o manuseamos, de todo o mérito, como soem ser os trabalhos de fundo histórico desse nosso distinto beletrista, e reconhecido tradicionalista, cioso, como poucos, das glórias de sua terra, dos fatos memoráveis do nosso passado; dedicado e infatigável operário, que menos trabalha para o presente que para o futuro, deixando registrado em suas obras, para conhecimento dos vindouros, tudo o que honrar possa o nome da Bahia, e memorar o de seus grandes filhos.

A História dos Cinemas da Bahia, que parecerá, à primeira vista, assunto somenos, é, pelo contrário, de valor, tratado como o foi pelo seu autor; e vem, realmente, preencher uma lacuna, já reclamada, porque amanhã se não perdessem, de todo, os vestígios dos primitivos, com um passado, já, de 22 anos, sem que ninguém mais pudesse, à falta de elementos fidedignos, escrever-lhes sua história, sempre de valor, seja qual for a natureza, para a vida sociológica de um povo.

(Diário de Notícias, de 20 de maio de 1919).

THOMAS ALVA EDISON

Electricista e inventor americano, nasceu em 1847, Milão (Estado de Ohio, Estados Unidos).

Entrou como empregado da linha do *Granel Trunk Railway of Canadá and Central Michigan*, onde se conservou alguns anos, durante os quais editou e imprimiu, sozinho, um jornal: *The Grana Trunfo Railroad Herald*, que vendia aos viajantes.

Edison entrou, em 1862, para a estação telegráfica de *Port-Huon*, e inventou, em 1864, o seu telégrafo duplex, que permite fazer passar, simultaneamente, por um mesmo fio, dois despachos em sentido inverso.

Em Boston, para onde foi em 1868, empreendeu interessantes investigações sobre aparelhos vibratórios, e fundou em 1869, sem êxito, uma oficina de construção de instrumentos telegráficos.

Em 1870 foi o engenheiro de muitas sociedades de redes telegráficas, e vendeu-lhes, mediante proventos anuais importantes, os seus diversos inventos.

Rico, e tendo já adquirido um grande renome, fundou, em 1876, a sua oficina de *Menlo-Park*, em *Orange* (Estado de Nova Jersey).

Foi ai que realizou os seus mais consideráveis inventos.

Em 1877 inventou o microtelefone, que permitiu tornar prático o telefone de Bell. Alguns meses depois descobriu fonógrafo, depois, em 1878, realizou maravilhosos aperfeiçoamentos na lâmpada de incandescência, a que ligou o seu nome.

No mesmo ano imaginou o megafono, e ulteriormente realizou numerosas invenções, que já são mais de seiscentas, sendo muitas delas de inestimável importância.

(Da *Enciclopédia Portuguesa*, de Maximiano de Lemos).

O CINEMATÓGRAFO

A palavra deriva-se do grego *Kinêma*, atos, movimento, e *graphlein*, escrever. Aparelho que faz projetar sobre um anteparo vistas animadas.

Encyel. A impressão luminosa recebida pela retina subsiste, durante uma certa fração de segundo, depois da desapareição do objeto que era causa dela.

Plateau utilizou esta particularidade do fenômeno da visão, para construir um instrumento que hoje é um brinquedo de criança, o *zootropo*.

Raynaud combinou, mais recentemente, em 1885, um aparelho de princípio análogo, sob o nome de “praxinoscópio”, destinado à projeção.

Marey, e o seu colaborador Démeny, no curso de suas experiências de “chronophotographia”, fizeram substituir no “zootropo” e no “praxinoscópio”, as imagens fotográficas as imagens desenhadas à mão. Démeny aproveitou deste modo, especialmente, tiras “chronofotográficas”.

Em 1895, Edison realizou um aparelho de tira pelicular, suscetível de reproduzir um movimento de uma certa duração, tal como uma luta ou um assalto de esgrima, mas, por causa de imperfeições diversas, e no desejo de multiplicar consideravelmente o número das imagens durante um segundo, Edison não pode executar projeções com este aparelho, que pudessem ser vistas, ao mesmo tempo, por um número não muito limitado de espectadores.

Pouco depois, o cinematógrafo de *Lumière* vinha fornecer a completa solução do problema.

O cinematógrafo, que não é, em suma, senão um aparelho cronofotográfico reversível, inscreve primeiro, sobre uma primeira tira pelicular, a série das atitudes, na razão de quinze por segundo. Esta tira, que só apresenta imagens negativas, é utilizada, no aparelho

próprio, para a obtenção de uma nova tira, que reproduzirá, desta vez, imagens positivas.

Substituindo, na câmara escura, que na primeira operação era adjunta ao cinematógrafo, uma lanterna de projeções, e fazendo desenrolar de novo a tira, com a mesma velocidade, projeta-se sobre o écran a imagem animada, que reconstitui a cena primitiva.

Não podemos descrever, detalhadamente, o mecanismo e movimento da tira pelicular. Um disco obturador desmascara o aparelho, e a imagem projeta-se no écran. Durante o movimento, o aparelho torna a fechar-se.

Este período de obscuridade, sendo, apenas, de $1/75^{\circ}$ de segundo, não se percebe: o observador tem a sensação perfeita de um movimento contínuo.

(Da *Enciclopédia Portuguesa*, de Maximiano de Lemos).

OS CINEMAS DA BAHIA

Ceci tuera cela: disse-o Victor Hugo, observando com justeza.

Nosso Teatro, que já havia recebido a primeira profunda punhalada, quando o despudonaram com as revistas desnudadas, os maiôs, pornografias e maxixes, e segunda, de aviltante menosprezo, de afrontosa humilhação, quando o forçaram a dar espetáculos por sessões, ficando, quer de uma, quer de outra forma, completamente divorciado o empresário do dramata, e o ator de sua arte depois que apareceram os cinemas, invadindo todos os ângulos das cidades, fenômeno prenunciador da grave morbilidade da cena nacional, começou, então, pouco a pouco, mais e mais, de entrar em lenta agonia, chegando, enfim, ao iniludível estado comatoso que hoje todos deploramos, os que amamos as letras dramáticas, e o seu venerando templo, onde

outrora, nos tempos de menos civilização para a Bahia, se cultuava aqui a – Arte expressão do Belo - em todo o seu maior esplendor.

Hoje é a cançoneta livre das *cabaretières*, são as cópias afródiseas dos *chansonniers*; as frases dionisiacas dos *cabotinis* e mais o tango, e o *cake-walk*, e o *ki-ka-poo*, e o senhor Maxixe, e ainda, a luta romana, que imperam, reinam, dominam, em absoluto, o palco de nossos teatros públicos, mãos dadas, todos, ao impudor, em homenagem à *lascívia*, ou vassalagem à matéria. E finalmente, o cinematógrafo – o último bacilus – inoculado, nova e aperfeiçoada escola do sensualismo e do crime, até mais toxiante para o lar, mais subversivo para a sociedade, que os romances de Rabellais e Paulo de Kock, quando nos exhibe certos filmes amorosos (filmes de alcovas, digamos genericamente), e certos outros, ainda, denominados policiais que deviam ser proibidos, terminantemente, a bem da higiene social, e da moral doméstica.

Nossa opinião é que nenhum filme deverá ser exposto à vista pública, sem preceder a censura da polícia, a qual cumpre velar pela manutenção da ordem, mas também, pelos bons costumes de um povo, impedindo tudo quanto possa atentar contra a tranquilidade pública, e ofender o decoro das famílias, qual se o fazia, outrora, nos bons tempos do Teatro nobre, de sua idade de ouro, em que não éramos, entretanto, tão civilizados como hoje, – não se permitindo a encenação de nenhuma peça, sem o prévio visto, quer dizer, sem a devida licença do Conservatório Dramático, ou, em falta, da autoridade policial sendo condenadas as que infringiam leis de moral. Mas isto não passa de uma simples opinião nossa, que em opinião ficará, porquanto hoje vivemos, desgraçadamente, no regime de todas as liberdades, só nos faltando bater às portas o maximalismo da Rússia Vermelha.

Hoje em dia faz-se tudo o que se quer, e bem se entende, impunemente, desde que se viva em santa paz com os imperialistas destes Brasis.

Princípios de justiça, de direito, de dever, de lealdade, e de educação social, até, eram coisas essas que os nossos caturrentos avós aprenderam de seus maiores, que viviam muito à sombra do progresso,

muito nos longes desta Civilização, que mais ama o egotismo, a soberba, a ambição, que o altruísmo, a humildade, a temperança, mais adora o bezerro de ouro, que a formosura d'alma. Mais templos têm erguidos ao culto das paixões, vinganças e hipocrisias, que altares levantados à religião de bem; mais olha para o fundo negro da terra, que para o azul infinito do céu, civilização que só se lembra de Deus nas horas calamitosas da vida!

Não há mais terapêutica nenhuma capaz de combater o letífero mal; reanimar, dar salvação ao pobre moribundo e o teatro morrerá, fatalmente, exalará seu derradeiro alento, no dia em que o gênio do homem conseguir a aliança indestrutível do cinematógrafo com o fonógrafo, o que não tardará muito, porquanto já bem avançados vão os estudos finais para a solução do problema, o aperfeiçoamento.

O cinema, portanto, matará o teatro, assim como o jornal moderno, e as revistas ilustradas, vão, despercebidamente, matando o livro, assim como o burguês, o berrento e esmagador automóvel, já matou a aristocrática, a nobre carruagem do tempo de nossos genitores, tirada por belas parelhas de puro sangue, o que nós mesmos ainda alcançamos: *ceci tuera cela!*

Mas o nosso pensamento está divertido em assunto que não é o cardeal, nos propondo a escrever um capítulo da vida de nossa *urbs*, que possa, porventura, interessar ao seu organismo social.

Nosso objetivo é fazer uma resenha histórica dos cinemas da Bahia, que já têm um passado de vinte e um anos, desde o primeiro inaugurado, até ao último da hora que passa, nos não poupando ao penosíssimo trabalho da investigação oral e documentada, melhor de o imaginar, que experimentar, para, com o reconhecimento único da consciência, sacrificando horas de repouso do corpo, ou de íntima expansão do espírito, em lazer, deixarmos registados em um livro, sem a pretensão de que possa este vingar meia geração, se quer, fatos, de maior ou menor monta, talvez de nenhuma importância, para uns, talvez de muita, para outros, e que, si não todos, pelo menos alguns interessam diretamente à história escrita, sempre para nós meritória,

qualquer seja sua latitude, assim de referência a uma nacionalidade, como a qualquer região, a uma cidade, como a qualquer aldeia, desde que relata e memora, fidedignamente, sobre alicerces da verdade, que foi sempre este, e continua a ser, nosso maior escrúpulo, em trabalhos desta natureza.

Posto isto, à guisa de introdução, entremos no assunto.

O PRIMEIRO CINEMA DA BAHIA

Data de 4 de dezembro de 1887, por nossas fundas investigações, o mais antigo cinema exibido nesta capital, no Politeama, pelo Sr. Dionísio Costa, e que era, ao mesmo tempo, falante, porque lhe estava adicionado um graphophono.

Fosse, porém, defeito do aparelho, ou imperícia do operador, o fato é que esse cinema não agradou, absolutamente, ao público, e só fez a sua estréia.

Apareceu-nos, ao depois, em meados do ano seguinte, o Cinema Lumière, nome que recorda o grande aperfeiçoador do aparelho Edison, resolvendo o problema da cinematografia.

Era propriedade de um italiano do nome Nicola Parente, funcionou à Rua Carlos Gomes n.º 26, onde é, hoje, estabelecida a Pensão Norte-Americana. Ali trabalhou durante alguns meses, e teve franco êxito pelo que, à vista do desastre do seu antecessor, deve ser este considerado, de fato, o primeiro cinema que a Bahia conheceu.

Trabalhava com luz oxietérica.

Em fins do mesmo ano (1898) funcionou o Cinema Edison, por cima da Confeitaria Luso-Brasileira, onde está hoje instalada a Pensão Universal, à Praça Castro Alves, e que era propriedade dos Srs. Antonio de Oliveira Brancão, e João Capistrano Ribeiro de Sousa.

Depois de três meses, sempre muito concorrido, suspendeu seus espetáculos aqui na capital, seguindo para Cochoeira e Nazaré (1899), cidades que não conheciam o cinema.

As projeções do seu aparelho, da fábrica George Mendel, nº. 1 (para profissional), eram feitas por meio da In: oxietérica, sendo o segundo que adaptou tal sistema de luz e, também, o último, visto ser muitíssimo perigosa.

O cinema Edison funcionava todas as noites, por sessões, e era seu operador um dos proprietários, o Sr. Antônio de Oliveira Brancão.

São os três mais antigos de que temos notícia.

Nos primeiros tempos aqui apareceram, e trabalharam, ora no Politeama, ora no São João, empresas de variedades, e, ainda, artistas isolados, que exibiram filmes em aparelhos a que davam várias denominações, entre as quais – Fotoveramóvel, *Catoptricon*, *Bioptik* e Bioscópio, sendo este o mais genérico.

Quanto às máquinas falantes (junção do fonógrafo ao cinematógrafo), houve, também, muitas exibições, por meio de aparelhos mais ou menos aperfeiçoados, aos quais, da mesma forma, uns denominavam Sincrofono, outros Humanofono e Cinefono.

Precederam ao Cinematógrafo, na Bahia, a Lanterna Mágica, o Caleidoscópio, e o Silforama, que faziam projeções de vistas fixas.

Um dos melhores aparelhos dessa natureza, foi o apresentado, no Politeama, pelo artista português Curvello d'Ávila; e, também, o do ilusionista Faure Nicolay, no São João, que exibia vistas das principais capitais européias.

Houve tempo em que, ao em vez das legendas no écran, as situações mais importantes dos filmes eram, para orientação do público, anunciadas do palco por alguém.

As projeções, antes do emprego da luz elétrica, eram feitas, geralmente, por meio da luz oxietérica, sendo algumas vezes utilizadas a oxicalcica e oxietérica, de cuja explosão foi, aqui, vítima nosso pranteado conterrâneo.

FELICIANO DA RESURREIÇÃO BAPTISTA

Às 9 horas da noite de 20 de outubro de 1904, nas oficinas de pianos de sua propriedade, à Rua Carlos Gomes, aos 52 anos de idade, deixando consternada a sociedade baiana, em cujo seio muito estimado era o operoso e honrado artista.

Fazia experiência definitiva, naquela fatal noite da luz oxietérica, para projeções cinematográficas.

Não satisfeito com a intensidade do foco luminoso, procurava uma pressão maior, calcando com a mão, para isso conseguir, o balão superior do depósito de oxigênio, que era de ferro. Ao retirar a mão, dá-se a explosão, que lhe rompeu o ventre, deixando os intestinos derramados.

Foram também feridos, na ocasião, por estilhaços do aparelho, o Sr. Antônio de Oliveira Brancão, seu filho José, e o Sr. Justiniano da Hora Dantas, que se achavam a pequena distância, assistindo, com outras pessoas, à experiência da luz oxietérica.

Sem demora submetida a vítima a uma operação, feita pelo Dr. Aristêu de Andrade, presentes, entre outros médicos, os Drs. Perouse Pontes, Paulo Alves, Raymundo de Mesquita e Cerqueira Lima, foi, então, verificado o terrível efeito da explosão.

Apresentava os seguintes ferimentos: perfurante do braço direito, fratura de algumas costelas do lado direito, ruptura da parede abdominal, com hérnia dos intestinos, e grande massa de epiplon, e esfacelamento do fígado.

Piorava seu estado, mais e mais, até que, por entre sofrimentos atrozes, faleceu alta madrugada, conservando, até ao derradeiro instante, a mais admirável serenidade de espírito. Dada a explosão, compreendeu logo que estava perdido nem por isso, entretanto, perturbou-se, e, cheio de calma, manda que se prepare café para seus amigos presentes e, mais ainda de resignação confortado, de cada um destes se despede, e de todos os membros de sua família, pedindo a

todos que a ninguém responsabilizasse pelo desastre havido, do qual somente ele era o culpado, por sua imprudência.

No dia seguinte, tendo inusitado acompanhamento, era o corpo do desventurado artista sepultado no cemitério das Quintas dos Lázarus, em um dos carneiros da Sociedade Monte-Pio dos Artífices.

Acreditado industrial, o exemplar chefe de família, era, ainda, o saudoso extinto, cultor de música tocava clarineta e requinta.

Possuía medalhas de prata e ouro, conferidas pelos juris de exposições do nosso Liceu de Artes e Ofícios.

FABRICO DE FILMES NA BAHIA

Foi a “Fotografia Lindemann”, estabelecida, atualmente, à Praça 13 de Maio, a única, neste Estado, que até hoje tentou o fabrico de filmes.

Inaugurou suas experiências em abril de 1910, gravando com êxito o da estréia – Regatas na Bahia.

Durante quatro anos, até outubro de 1914, explorou essa indústria, chegando a fabricar cerca do 100.000 metros de films, dispendendo cerca de 150:000\$000.

Não tinha nenhuma subvenção, editando por conta da firma, composta de Díomedes Gramacho, atual proprietário da “Fotografia”, e José Dias da Costa, já falecido, sendo seu único freguês, nesta capital, o locatário do Teatro S. João, o Sr. Coronel Ruben Pinheiro Guimarães, sob cujos estímulos iniciaram tão árdua, quanto dispendiosa indústria, trazendo o mesmo de Paris, em 1911, para esse estabelecimento, novo e aperfeiçoado poste de tomada, que custou dez mil francos.

De todos os filmes que muitos foram, tirados do natural, e de assuntos locais, salientamos: “Regatas na Bahia”; “Exploração da

indústria da borracha”, na Bahia, medindo cerca de 1.100 metros, e que figurou na “Exposição da Borracha” no Rio de Janeiro, elogiosamente; “Carnaval da Bahia” de 1911, com 950 metros; “N. S. dos Navegantes”; “Segunda-feira do Bonfim”; “Festa da Bandeira”; “Lindemann Jornal” (seis filmes), assuntos locais.

A “Fotografia Lindemann”, pois, deve a Bahia a criação e intensificação do serviço de gravura moderna, elemento de grande valor para os jornais.

Esse acreditado estabelecimento é, na atualidade, um dos mais bem montados, e o mais antigo da Bahia,

Foi fundado em 1874, por *Gaensly & Lindemann*, e era situado à Praça Castro Alves, de onde se transferiu para a Praça 13 de Maio, há uns cinco anos, por haver a Municipalidade (Intendência Júlio Brandão) desapropriado o prédio, e o demolido, em seguida, com alguns outros mais, em virtude das grandes obras projetadas de remodelação da cidade, para, também, como era, então, o pensamento dominante do mesmo governo, construir naquele local o Teatro Municipal, o que malogrou estando, ao em vez, se levantando hoje, na mesma área, o “Kursaal Baiano”, em obras ainda muito atrasadas, iniciadas em 1916,

CINEMAS INAUGURADOS

Dentre todos os inaugurados nesta capital, num ciclo de 21 anos (1897-1918), alguns se extinguíram, sem nos deixar senão a lembrança do nome.

Outros, porém, algo nos legaram de sua maior ou menor vida, digno de memória.

Dos existentes, alguns também há com o mesmo direito de especial menção, neste registro que ora perpetramos.

Nada nos interessando os primeiros, sem um passado, ocupemo-nos, especialmente, dos que - vivos ou mortos - têm uma qualquer história, por pequena, a nos referir, de mais ou menos importância, mas, sempre, de aprazimento para espíritos curiosos, ou investigadores do que já foi, e do que é, obreiros, menos do presente que do futuro, quando registram.

Com tal objetivo, falemos, em primeiro lugar, dos cinemas extintos.

Antes, porém, assinalemos neste capítulo que, em geral, os cinemas desta capital funcionam todas as noites, dão matinês aos domingos, dias santificados e feriados, e trabalham por sessões, e, ainda, que inúmeros têm sido inaugurados em várias cidades do nosso litoral e recôncavo, nomeadamente Cachoeira, Feira de Santana, Santo Amaro, Nazaré, Santo Antônio de Jesus, Amargosa, Alagoinhas, Ilhéus, etc.

O primeiro cinema que as cidades de Cachoeira e Nazaré conheceram, foi inaugurado em 1899, pelos Srs. Antônio de Oliveira Brancão, e João Capistrano Ribeiro de Sousa, proprietários do Cinema Edison, que funcionou, primeiramente, nesta capital.

DOS EXTINTOS

CINEMA LUMIÈRE (1898-98)

Rua Carlos Gomes, nº. 26

Foi o segundo, na ordem cronológica, que a Bahia conheceu, mas o primeiro, dentre todos, se considerarmos que o seu antecessor, propriedade do Sr. Dionísio Costa, e que se estreou no Politeama, a 4 de dezembro de 1897, como já dissemos, não satisfez, em nada, à expectativa pública, tanto assim que não mais apareceu, depois da estréia, ficando, portanto, o nosso público sem conhecer devidamente, sem poder julgar bem de um cinematógrafo.

Era propriedade de um italiano, de nome Nicola Parente, foi inaugurado em meados de 1898, e aqui funcionou, com êxito extraordinário, uns três meses.

Trabalhava todas as noites, sua lotação era de 200 cadeiras, e o preço da entrada dois mil réis.

Foi o primeiro que fez uso, aqui, da luz oxietérica.

Como reminiscência de um passado de vinte anos, reproduzimos, em seguida, um dos programas desse cinema, que teve a mais franca aceitação nesta capital, como em outros do país.

ÚLTIMA MARAVILHA DO SÉCULO XIX

CINCO CENAS NOVAS

Principiará a exibição com a apresentação do sempre apreciável trajeto do cortejo da rainha Victoria.

NOVAS E INTERESSANTES CENAS

Um corsel manhoso – Desfilada de um regimento turco para a guerra da Grécia - Uma ponte em construção; – Engraçada dança por uma egípcia, num hotel (Egito); –Grande cortejo de cavalheiros germanos – Os surpreendentes banhos de alvorada, em Milão – A chegada do trem.

AO CINEMATÓGRAFO

Para ver e admirar a última maravilha do século XIX - Exibição todas as noites, às 8 e meia em ponto.

Rua Carlos Gomes n.º. 26.

CASSINO CASTRO ALVES
(1908-05)

Praça Castro Alves

Era uma pequena construção de madeira, ao ar livre, em forma de teatrinho, levantada em um dos parques antigos da praça Castro Alves, imediações do lugar em que se está construindo o *Kursaal*.

Deram-lhe o glorioso nome do Poeta dos Escravos, e na fachada, pintaram, ainda, *à la diable*, o retrato do nosso querido vate.

O palco servia para exhibições de *chanteuses* de cafés cantantes, pois não fora para outro fim criado.

Neste, entretanto, também se exibiram algumas vezes, vistas animadas e fixas, por um aparelho cinematógrafo, conforme lemos em programas da época.

Foi inaugurado em agosto de 1903, pelo Sr. Carlos Lopes, que arrendara os dois parques ao Município, para os explorar.

Em fevereiro de 1906, já não era mais arrendatário desses parques, porém o tal Casino continuou a funcionar durante algum tempo mais.

Contra a profanação de se dar o nome, e o retrato pintar-se, na fachada de um café - cantante, do maior poeta brasileiro, orgulho legítimo da Bahia mental, para logo, revoltado, protestamos energeticamente de público, em honra das letras nacionais, ofendidas, e também do nosso civismo, quando, então, na presidência éramos da diretoria do “Grêmio Literário”.

Fizemos nosso protesto, no triple caráter de brasileiro, baiano, e cidadão, porquanto não são, por certo, tais lugares cafés - cantantes, ou casas de pasto (porque também aqui houve uma “Gruta Castro Alves”, felizmente, contígua ao Teatro S. João, que era casa de posto, onde humildemente se via, presidindo as refeições e libações, às vezes incontinentes, o retrato do genial poeta) – Os pedestais de honra mais obras nobres, de vultos retumbantes da estatura do nosso

imperecível contrerrâneo, cuja memória, reverenciada por todos, especialmente pelos baianos, era assim, crimosamente desrespeitada.

A voz do civismo, entretanto, não foi ouvida pelo então Intendente deste Município a quem nos dirigíamos pelas colunas da “Revista do Grêmio Literário”.

Não desesperamos, até que, em 20 de fevereiro de 1906, por determinação de outro Intendente, mais patriota, do que deu prova seu ato, o Exm^o. Sr. Prof^o. Leopoldino Antonio de Freitas Tantu, então no exercício interino do cargo, como presidente do Conselho Municipal, desapareceram da vista pública o nome e retrato aludidos, em virtude de haver tomado em devida consideração o justo apelo de civismo, que, batalhando sempre, e perseverantemente, nesse sentido, desde 1903, lhe dirigimos, cinco dias antes, pelas colunas de “A Bahia”, em nome da “Educação Cívica”.

E teve assim termo, para honra da Bahia intelectual, e ufania nossa, o deponente espectáculo, assás deprimente para qualquer baiano ou brasileiro, vergonhoso para todo um povo culto, orgulhoso de suas lídimas glórias.

Sobre ser uma profanação a memória do poeta, era uma afronta às letras pátrias, e uma subversão dos ensinamentos cívico-morais de nossa mocidade.

CINEMA BAHIA

(1909-11)

Rua Chile, nº. 1

Foi inaugurado a 21 de outubro de 1909, no prédio hoje ocupado pela “Pensão Vidago”, e era propriedade do Sr. Coronel Umbelino Dias, que outros cinemas, filiais ao “Bahia”, fundou, ainda, nesta capital, nos arrabaldes do Rio Vermelho e Itapagipe, na mesma época.

As *soirées* oferecidas por esse cinema, que tinha capacidade para 200 cadeiras, devem de estar na memória de seus *habitués*, perdurando saudosamente, tão distintas eram, e tão atraentes emprestando-lhe maior brilho a concorrência, sempre notável, de famílias e cavalheiros da parte seleta, da gema de nossa sociedade.

Naquele tempo era, realmente, ali o *rendez-vous* elegante da sociedade baiana.

Seu salão de espera, profusamente iluminado, bem como a sala principal, à luz elétrica, era, sem contestação, um salão de arte, tal o gosto requintado que a tudo presidia, sob a exclusiva orientação do seu caprichoso e inteligente proprietário.

Em meio ao delicado mobiliário, e artística decoração, se destacava, soberba, a bela escultura de uma gueixa, ostentando, à vista pública, riquíssimo colar de pérolas, com uma cruz de brilhantes.

Tão preciosa jóia nunca foi sentinelada, nem subtraída foi; prova bem significativa da superioridade moral de todos os que frequentavam àquele cinema, onde, ainda em seu abono, pode-se também registrar, durante sua existência um só caso não se assinalou de perturbação da ordem, ou desrespeito convindo notificar que nele não tinha ingresso o elemento – polícia.

As suas matinês infantis, aos domingos e dias feriados, muito concorridas pelas crianças, oferecia-lhes, muita vez, seu amável proprietário, brinquedos e bombons.

As suas *soirées* floridas, dedicadas ao belo sexo, distribuía-lhe, gentilmente, flores e postais.

Não era só pela fidalguia do trato que conquistava seu proprietário as simpatias públicas, senão, também, por nobres manifestações de sentimento cívico.

De uma feita, quando se lançou a idéia de que adquirir-se, por subscrição nacional, um couraçado para o Brasil, o coronel Umbelino Dias, de “motu-próprio”, promoveu, para logo, um grande festival no seu cinema, em favor dessa idéia, cujo produto - um conto

de réis - entregou ao comitê dos acadêmicos, iniciadores da subscrição aqui na Bahia.

No “Jornal de Notícias” da época havia uma secção, denominada Semana Mundana, que publicava tudo referente a esse cinema, e mais uma relação das famílias que o frequentavam.

Possuía um bom piano e conjunto eletrógeno.

Teve, também, em algum tempo, um cinefono.

Extinguiu-se em 1911.

CINEMA CASTRO ALVES (1910-11)

Largo do Carmo

Este cinema foi, pela firma Bittencourt & Mota, inaugurado no “Teatro S. Pedro” da cidade de Santo Amaro, a 2 de outubro de 1910, transferindo-se em novembro para esta capital, onde funcionou até janeiro de 1911.

Fatal noite, aquela da estréia em Santo Amaro!...

Eram 10 e meia, quando, em virtude de uma fita que se incendiara, rápido propagou-se o fogo a todo o edifício, que ficou em pouco tempo devorado pelas chamas, e reduzido a enorme caverna.

O teatro regorgitava de espectadores, lotação completa, mais de 800 pessoas, entre as quais distintas famílias da sociedade santamarense.

Felizmente todos se salvaram, registrando-se poucos ferimentos leves.

Igual incêndio, tão pavoroso, nunca testemunhara a população daquela cidade, que ficou toda alarmada.

O lamentável sinistro foi todo casual, envolvendo-se logo nas chamas, comunicadas pela fita de celulóide, a cabine, situada à entrada principal do teatro.

O operador era, aliás, hábil e prático eletricista de nossa Faculdade de Medicina, o falecido Benjamin, que sofreu, apenas, leves queimaduras do 1.º grau, em um braço e talvez o incêndio não tomasse tão grandes proporções, se não fora certa imprudência de alguns espectadores, inexperientes, tentando abafar as chamas que se desprendiam da cabine, determinando, assim, a maior propagação do fogo, que ali poderia ficar limitado.

A previdência e calma de um dos proprietários do cinema, deve-se a salvação dos espectadores, ou não ter sido muito grande o número de vítimas, porque soube, energicamente, resistir à imposição do povo, atemorizado, para fazer parar o motor que iluminava eletricamente a sala.

Está às escuras, seria, certo, o tûmulo de todos pela natural confusão que se estabeleceria, e inevitáveis esmagamentos, propellidos todos pelo instinto de conservação, e não havendo, ademais, portas laterais de saída, nem de fundo, somente janelas, por onde saltaram todos, com maior ou menor precipitação.

Por baixo da cabine estavam depositadas, na ocasião do desastre, 16 caixas (32 latas) de gasolina, que foram, a tempo atiradas à rua, por um inteligente empregado do cinema.

A firma Bittencourt & Mota era constituída dos Srs. Joaquim Alves da Silveira Mota, e farmacêutico Leonardo Pompílio Bittencourt, com o capital de 10:000\$000.

Salvaram do incêndio o conjunto eletrônico, próprio, e grande parte do estoque de fitas, também pertencente à empresa.

Tudo o mais perderam, inclusive um *Schiedmayer* novo, do preço de 2:500\$000, naquela época.

Notável coincidência: o assunto do filme (cômico) que se exibia no teatro, ao dar-se o desastre, era justamente um grande incêndio.

Regressando de Santo Amaro, retemperados de ânimo, após o triste insucesso da empresa naquela cidade, os proprietários do Cinema Castro Alves inauguraram, pouco depois, nesta capital, em novembro do mesmo ano, ao Largo do Carmo.

Em janeiro de 1911 suspenderam as exibições aqui e mudando para Cinema Paris o primitivo título, seguiram para a cidade de Nazaré, Santo Antônio de Jesus, e Amargosa, onde, decorridos oito meses, desligando-se da empresa o sócio Joaquim da Silveira Mota, em breve tempo o Farm. Leonardo Pompilio Bittencourt resolveu vender todo o material a um italiano.

O TEATRO SÃO PEDRO

De Santo Amaro

Vem a ponto, sobre ter o valor de um registro histórico de coisas de antanho, embora nem todos, aliás bem poucos, estimem o nosso passado nesta terra, mormente na hora que passa de iconoclastia sendo tidos na conta de caturras, senão de retrógrados, os que ousamos defender nossos velhos monumentos de Arte ou História, atestados vivos e eloquentes dos fundamentos de nossa Civilização; os que ousamos profligar, pela pena ou pela palavra, a obra tedesca da destruição, a que, entretanto, denominam do progresso, vem a ponto, dizíamos, a despeito do maior indiferentismo dos que não pensam conosco, e para quem desta página inútil será, memorar a vida desse teatro, construído há 53 anos e destruído pelas chamas em poucas horas, impôs uma existência de 45.

Foi inaugurado a 12 de agosto de 1865, tendo sido sua primeira pedra lançada em igual dia e mês do ano anterior.

Era considerado, então, o segundo teatro da antiga província da Bahia, pela solidez e elegância de construção, na qual se despendeu,

apenas, a quantia de 16:800\$000, subscrita por 65 dos principais cidadãos da cidade de Santo Amaro.

Relevantes serviços prestaram, no caráter de membros da comissão edificadora, os Srs. Pedro Rodrigues Vieira d'Utra e Cap. João Rodrigues do Lago, já ativando as obras, já velando por sua parte econômica.

Faziam, também, parte dessa comissão os Srs. Com. Dr. Francisco Moreira de Carvalho e Major Pedro José de Sousa, talvez todos já mortos.

A planta do edifício foi projetada pelo referido Sr. Pedro d'Utra, e executada sob sua direção, pelo hábil mestre carapina João Alvares da Rocha.

Edificado em um dos melhores pontos da cidade, tinha o teatro 60 palm de largura, por 140 de comprimento, sendo bem dividido seu interior. (*)

O palco de boca, representando bem combinada alegoria o Florescimento do Brasil foi pintado por um artista italiano, de nome Carlos.

O palco media 44 palm de fundo, por 34 de largura.

A platéia continha 194 cadeiras de palhinha, bastante cômodas.

No primeiro pavimento superior 20 camarotes, e no segundo uma bela varanda, acomodando esta, e os camarotes, divididos por colunas de ferro e iguais em dimensões aos do Teatro S. João da capital, muito à vontade, 206 pessoas.

O salão de recreio (*foyer*) tinha de comprimento toda a largura do edifício, e 25 palm de fundo, com cinco portas de vidraças, e grade de ferro corrida, na frente, e duas janelas de peitoril de cada lado envidraçadas.

(*) O palmo equivale, no sistema métrico decimal, a 0,22.

O Sistema Métrico foi adotado no Brasil pela Lei n. 1157, de 26 de junho de 1862, e posto em execução em todo o território brasileiro a 1 de julho de 1873.

O saguão de entrada correspondia, em média, ao de recreio, e tinha de cada lado boa sala para botequim.

Havia três entradas espaçosas para o circuito dos espectadores: uma geral, ao centro, comunicando com a platéia, e duas, aos lados, conduzindo aos camarotes e varandas.

Era iluminado à gás carbônico.

Na noite da solene inauguração, começou o espetáculo pelo Hino Nacional, executado por uma orquestra dos músicos santamarenenses, perante à efígie do nosso extinto e saudoso monarca D. Pedro II precedido dos vivas do estilo, erguidos pelo Dr. Francisco Sodré, então delegado de polícia naquela cidade, e correspondidos pelo numeroso auditório que enchia o teatro.

Representou-se o drama “A Punição”, uma cena cômica, e um entre mês, interpretados por amadores.

No salão de recreio tocava a banda de música militar do batalhão da Guarda Nacional da mesma cidade.

Naquela noite o nosso grande poeta, e admirável repentista baiano, Francisco Moniz Barreto (*), recitou inspiradíssima poesia de sua lavra, consagrada à cidade de Santo Amaro, e oferecida ao principal e benemérito fundador do Teatro S. Pedro, o Sr. Pedro Rodrigues Vieira d’Utra.

Essa poesia, bem como uma extensa carta aberta do mesmo autor, descritiva dessa inauguração, da qual nos socorreremos para estas notas, foram publicadas na edição do Diário da Bahia de 19 de agosto de 1865.

Dois meses depois de inaugurado, em outubro, acadêmicos de nossa Faculdade de Medicina, propellidos pela patriótica idéia de também acudirem ao apelo do país, então em guerra contra o gover-

(*) — O Beranger brasileiro, popularmente conhecido pelo poeta Moniz, nasceu na vila de Jaguaripe, a 10 de março de 1804, e faleceu nesta capital, a 2 de junho de 1868, contando 64 anos de idade. Seus ossos, dentro de uma urna de metal, foram depositados debaixo das lages da igreja matriz de S. Pedro, hoje demolida. Teriam sido trasladados os despojos veneráveis do glorioso poeta guerreiro? Para onde? É o que não conseguimos saber.

no tirânico da República do Paraguai, realizaram no mesmo teatro um espetáculo, com o intuito de socorrerem as famílias dos guardas nacionais daquela comarca, que tinham de partir para os campos de batalha como voluntários da Pátria.

Aos jovens estudantes acompanhou-os a insigne atriz Adelaide Amaral, que trabalhava no teatro São João desta capital.

Representaram o drama “Luiz”, do jovem Ernesto Cibrão, e a comédia “Convido o Coronel”.

Adelaide Amaral recitou do palco a patriótica poesia “A Vivandeira” do ilustre poeta baiano Rozendo Moniz Barreto, que também, recitou sua Saudação a Santo Amaro.

Essa atriz, Adelaide Amaral, foi a mesma de quem, um ano após, em 1866, trabalhando no Santa Izabel do Recife, incorporada à companhia dramática do ator Coimbra, da qual também fazia parte Eugênia Câmara, improvisou-se paladino Tobias Barreto, para assim, dar combate no teatro, a Castro Alves, invejoso das consecutivas vitórias literárias deste, travando-se, então, uma lamentável polêmica pela imprensa, e desta passando para os partidos teatrais.

CINEMA ÍRIS TEATRO (1912-13)

Rua Dr. Seabra

Foi construído, e inaugurado, pelo Sr. Coronel Ruben Pinheiro Guimarães, a 14 de dezembro de 1912.

Era um elegantíssimo cinema, preparado com muito gosto artístico, comportando sua sala de espetáculos precedida de outra de espera, 300 cadeiras.

Não tinha palco, nem entradas pela rua principal: estas ficaram do lado do beco Leão de Ouro.

No seu local existia um açougue e pelo terreno passava o Rio das Tripas, canalizado, hoje, pela frente do prédio.

Esse terreno, propriedade da Sr. Coronel Pedro dos Reis Gordilho, limitado, ao fundo, pela montanha da Saúde.

ECLAIR (1913)

Em novembro do 1913, já com o nome mudado para Eclair, passou a ser propriedade do Sr. Manuel Eustáquio Pinto, que o denominou.

PAZ E AMOR (1913)

Em junho de 1914, associando-se Manuel Pinto ao coronel Érico Pinheiro Lobão, e constituída a firma comercial Pinto & Lobão, adotou este o título de

CARABOO (1914)

Passou, então, este cinema por sua primeira e notável reforma.

O écran foi mudado, da lateral para o fundo do edifício, ficando a sala de espera situada à direita das portas de entrada, rasgadas nas paredes da fachada, até então fechadas.

Outros melhoramentos se fizeram, sem alteração, porém, da lotação primitiva, de 300 cadeiras.

PAZ E AMOR (1914-15)

Alugado, em fins de outubro de 1914, ao Sr. José Ignácio da Silva Amorim, substituiu este, por sua vez, o título de Caraboo pelo de Paz e Amor.

Amorim pouco tempo explorou o cinema retirando-se em princípios de janeiro de 1915.

Esteve, ao depois, alugado a Costa & Barbosa, durante pouco tempo, em fins de março, a J. Vianna, para representações, com o seu grupo de artistas e amadores, demorando-se, também, pouco.

Nessa ocasião fez-se o palco, que não existia.

Em abril de 1915, a firma Pinto & Lobão deliberou por em hasta pública o cinema, dissolvendo-se a sociedade.

OLYMPIA (1915)

Em fins desse mesmo ano, passou a ser explorado pelo Sr. Henrique do Amaral e Augusto de Oliveira sob a firma Amaral & Oliveira, mudando, mais uma vez, de título.

Passou a denominar-se Olympia, que até hoje conserva.

Em princípios de 1916 desligou-se da sociedade Henrique do Amaral, juntando-se Augusto de Oliveira ao Sr. Thomaz Antenor Borges da Mota.

A nova sociedade durou, apenas, dois meses, retirando-se Augusto de Oliveira, e aparecendo a nova firma, Bittencourt & Companhia composta de Borges da Mota e José Bittencourt.

Esta última sociedade durou também pouco tempo, três meses, retirando-se Bittencourt, e passando, em meados de 1916, a pertencer o Cinema Olympia, por arrendamento, exclusivamente a Borges da Mota, que ainda o dirige, com muito tino, e visando sempre harmonizar seus interesses particulares com os do público, principalmente conseguindo, assim, que o seu cinema seja hoje considerado um dos mais populares nesta capital.

Está atualmente passando por uma reforma radical, cujas grandes obras foram iniciadas em meados de 1916.

DOS EXISTENTES

POLITEAMA BAIANO

(1891)

Rua do Politeama

O teatro foi inaugurado em 1883 mas estreou, como cinema, a 4 de dezembro de 1897.

Embora não seja, propriamente, uma casa de cinema, pois que para esse fim não foi construído, aqui o assinalamos também, porque, por seu turno, tem, não poucas vezes, pago seu tributo ao imperialismo desse outro *kaiser*, que, há uns pares de anos, vem destruindo aos poucos, mais e mais aniquilando, o bom teatro, a bela e nobre arte dramática.

Façamos, *à vol d'oiseau*, para não intediar aos que e não interessam por coisa do passado, em cujo número direito não temos de incluir o benévolo leitor, uma notícia histórica desse teatro da Bahia, o mais antigo existente depois do São João, este tão bem nascido, mas tão mal fadado, porque havendo subido ao Capitólio, foi precipitado

na *Tarpeia*, um dia, estando irremissivelmente condenado, hoje, a ser uma casa de cinema, e nada mais.

O Politeama Baiano começou a funcionar como praça de touros, em terrenos da roça que Luiz Ferraro comprara, em 1882, aos herdeiros de Jacintho Alves de Sá.

Morto Ferraro, quando organizava uma empresa para transformar a praça de touros em teatro, foi, pelo corretor Sr. Joaquim José Teixeira Leal, organizada, então, a empresa, sob o nome de Politeama Baiano, em 1883.

Deram-se ali diversas funções públicas, trabalhando companhias de circo, inclusive uma de acrobatas japoneses.

Por motivo de falência, um grupo de negociantes, capitalistas da praça, constituiu-se em sociedade anônima, com o capital de cem contos de réis (100:000\$000), sendo 40 os acionistas.

Comprou o barracão e terrenos, e reformou, mais uma vez, o edifício, que foi inaugurado a 6 de março de 1886, estreando-se a 23 de maio a Comp. *lyrico-comica italiana*, empresa Boldrini & Milone, dirigida pelo ator Luis Milone, e em benefício do “Grêmio Literário”, importante instituição de letras que ainda possuímos, de tradicionais glórias, fundada em 1860, a mais antiga existente nesta capital.

Esse espetáculo foi oferecido a essa instituição pela empresa do Politeama, de que eram, então, diretores os Srs. Comendadores Augusto Marcellino e José Alves Ferreira, e o negociante Albino de Magalhães, todos já extintos.

Em 1896, dez anos depois, devido ao mau estado de conservação do teatro, construído de madeira, extinguiu-se a empresa fundadora e tendo ido à praça a propriedade, um novo grupo de capitalistas arrematou-a por 40:000\$000; reformando, então, completamente o teatro, dando-lhe novo aspecto arquitetônico, maiores acomodações para o público, e para as próprias companhias que nele vinham trabalhar, conservando, porém, o edifício de madeira, forrado, externamente, de ferro zincado, tal qual é ainda hoje.

Nessa nova fase, em que ainda tomaram parte saliente os capitalistas Com. José Alves Ferreira e Albino Magalhães, sendo a parte técnica da construção dirigida pelo primeiro, foi inaugurado o edifício, restaurado, conservando sempre o primitivo título Politeama Baiano pelos bailes carnavalescos, em fevereiro ou março de 1897.

Logo em seguida trabalhou a companhia dramática Dias Braga, que se estreou na noite de 11 de abril, com o drama — *A Martyr* — do escritor francês D'Ennery.

Atualmente o Politeama é propriedade desse segundo grupo de capitalistas, em número já reduzido (11), e é a única casa de espetáculos públicos para onde concorrem as companhias dramáticas ou líricas, a que, de onde em onde, nos visitam esporadicamente.

Possui o Politeama, em torno, grande área para passeio, onde se acham instalados serviços de *buffet* e *buvette*, escritórios da administração e empresas, além de outras comodidades para os espectadores, mictórios, gabinetes sanitários, etc.

Os primeiros cenários foram pintados pelo falecido cenógrafo Heraclio Odilon, e a mobília feita nas acreditadas oficinas da extinta Marcenaria Baiana, do emérito artista Pedro Joaquim d'Alcântara.

As obras de ferro foram executadas na fundição da cidade de Valença.

Estes informes sobre o Politeama, que apesar das várias reformas sofridas, tendentes sempre a melhorá-lo, muito deixa, entretanto, a desejar, para os fins a que é destinado, principalmente quanto à acústica, nos foram ministrados, competentemente, pelo honrado capitalista Sr. Com. José Alves Ferreira, cuja morte ocorrida a 10 de dezembro de 1917, aos 63 anos de idade, consternou a sociedade baiana e profunda tristeza causou aos que lhe eram amigos e conheciam de perto a magnanimidade daquela alma, a nobreza daquele caráter.

Dentre todos os que trabalharam pela idéia da fundação do Politeama e mais esforçadamente colaboraram na obra da sua construção, e subseqüentes melhoramentos, foi ele, José Alves Ferreira, sem contestação, o mais pugnaz.

Nos últimos anos de vida, afastara-se completamente de todos os negócios relativos a esse teatro, ao qual prestou relevantíssimos serviços, por sua inteligência, atividade, competência, gosto artístico e capital.

NOVAS E RECENTES REFORMAS (1913)

Havendo passado por grandes melhoramentos, reabriu-se, em 4 de abril de 1913, à concorrência pública, mais confortável, oferecendo maior segurança e melhor lotação.

Foi então aumentado o número de camarotes de 2^a (frisas) para 18, de 12 que eram as gerais prolongadas até ao lado das cadeiras de 2^a os camarotes de 1^a, bem como os dos acionistas, direção e governador, também melhorados, com mobiliário apropriado e condigno; pintura fina e de tons claros tapetes novos por entre as filas de cadeiras destacando-se, ainda a colocação da orquestra abaixo do nível da platéia.

A iluminação geral, tanto elétrica, como carbônica, foi igualmente melhorada revelando tudo os louváveis esforços da ilustre direção, e digna administração desse teatro.

(1917)

Em outubro desse ano instalou-se ao lado esquerdo do edifício, tendo comunicação interna e externa, o toailete das senhoras, com seção de abrigos e um gabinete higiênico melhoramentos de grande utilidade.

Na parte externa estabeleceu-se, confortavelmente, a secretaria para as empresas teatrais.

(1918)

No mês de fevereiro idênticos melhoramentos foram executados, ao lado direito.

Em meados do ano substituíram-se todas as antigas cadeiras de braços (1.^a classe), da sala de espetáculos, por novo e moderno mobiliário, adaptado nos teatros de grandes capitais do que resultou aumento da lotação, para quase o duplo, e maior comodidade pública.

Atualmente, todo o madeiramento da base do teatro está assentado sobre alvenaria, e pilastras de cimento, tendo sido empregadas a maçaranduba, sucupira, condurú, pau d'arco e outras madeiras que "taes" inspirando tudo, portanto, máxima confiança, quanto à solidez de construção.

Por último, mandou a direção, recentemente, cobrir a parte da área que dá saída aos espectadores, pela lateral do edifício, iluminando-a, ainda profusamente, à luz elétrica.

O quadro da distribuição de corrente elétrica, instalado na caixa do teatro, é dos mais modernos adaptados: tem capacidade para 5.000 lâmpadas.

O Politeama possui 1.400 lâmpadas para sua iluminação normal, interna e externa.

Adaptado a esse quadro, existe um aparelho de resistência, que se presta a todos os misteres exigidos pela cena, de conformidade com as peças montadas, no que concerne a efeitos de luz e cambiantes.

Em noites de espetáculo, esse quadro funciona sob a direção de dois hábeis eletricitas.

Foi montado em 1915, mas tem recebido notáveis melhoramentos, reclamados pela necessidade do serviço.

O teatro recebe energia elétrica da companhia Guínle, e da ex-Light, hoje encampada pelo município.

É de há muitos anos, desde 1908, administrador do Politeama o Sr. Luiz Felipe de Almeida. (*)

LOTAÇÃO DO POLITEAMA

É a seguinte, depois da recente reforma por que passou

Cadeiras de 1. ^a	401
Cadeiras de 2. ^a	392
Camarotes de 1. ^a	31
Camarotes de 2. ^a	15
Frísas.....	18
Galerias numeradas.....	242
Gerais.....	500

DESPESA POR ESPETÁCULO

Aluguel do teatro.....	150\$000
Idem, por matinê.....	75\$000
Luz elétrica (espect).....	80\$000
Luz elétrica (matinê).....	40\$000
Luz elétrica (ensaios).....	30\$000
Luz elétrica (serão, depois do espetáculo).....	30\$000
Eletricistas.....	6\$000
Porteiros.....	de 20\$000 a 29\$000
Bilheteiro.....	15\$000
Desinfecção.....	3\$000

(*) Faleceu a 25 de junho de 1919 sendo substituído, dignamente, pelo Sr. Antônio de Oliveira Brancão.

O POLITEAMA - CINEMA (1897)

De nossas laboriosas e escrupulosas investigações, para conhecermos qual o mais antigo cinematógrafo exibido na Bahia, verificamos, e podemos afirmar, quase sem receio de engano, que o primeiro conhecido nesta capital, como já levamos dito, foi o Cinematógrafo e Grafofono do Sr. Dionísio Costa, inaugurado a 4 de dezembro de 1897, no Politeama Baiano.

Os dois aparelhos, porém, não agradaram ao público, em nada satisfizeram à expectativa, fosse por defeito dos mesmos, fosse por imperícia do operador donde resultou só terem sido exibidos na referida noite.

Foi, em todo o caso, o início.

Daquela data em diante, até hoje, muitos cinemas têm funcionado no Politeama, em épocas diversas, não nos sendo possíveis, apesar dos esforços empregados, aqui deixar todos registrados.

Todavia, podemos sempre assinalar alguns, dentre os mais importantes, de tempos remotos.

Em 1902, quando ali trabalhou o grande ilusionista Watry, exibiu este um aparelho, a que denominava Fotoveramóvel, sendo as projeções à luz elétrica.

Em dezembro do mesmo ano, trabalhou a Companhia d'Arte e *Bioscope* inglês, de que era diretor J. Filippi.

Seu bioscópio, de vistas animadas e fixas, era superior ao de seu antecessor Watry,

Causou aqui muito êxito, entre outros filmes: *A vida e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*, em 16 quadros animados; *A guerra do Transwaal*; *A catástrofe do balão "Paocy"*, de Augusto Severo; *A erupção vulcânica do monte "Pelée"*, na Martinica (8 de maio de 1902); *As experiências do balão Santos Dumont*.

Essa companhia, na mesma ocasião, deu-nos a conhecer o seu *humanofono*, aperfeiçoamento, então, das máquinas falantes, pela nitidez e força de voz.

O diretor da companhia era o encarregado da venda dessas notáveis máquinas, mandando-as vir, diretamente, do fabricante.

As peças do *humanofono* eram as executadas pelos grandes artistas mundiais, dentre os quais Enrico Caruso.

No filme, *A vida e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*, foram aqui ouvidas peças sacras, executadas pelos célebres cantores da Capela Sixtina, de Roma.

Tinha conjunto eletrógeno próprio.

Em 1903 visitou-nos a grande “Companhia Imperial Japonesa *Kudara*”, empresa Max Rosental, que trazia um *bioscópio* denominado *Catoptricon*, de vistas animadas, e mais dois aparelhos: o *Chromotoscopio* de Loreazi, e o *Phroso*.

Este último projetava fotografias de cores naturais, sem serem, porém, pintadas, nem coloridas artificialmente; sensacional descoberta do sábio francês, Prof. Lipmann, por este anunciada à *Soborna* em 10 de outubro de 1902.

Em 21 de novembro de 1908 estreiou-se o “*Real Cosmograf Ideal*” (Cinema Excelsior), da empresa José Tour e Bella Blanca, transformista luminosa.

Em março de 1909, tivemos o *Phono-Cinema Joulie*: assim se denominava a empresa.

Seu Synchronfono era a reunião do fonógrafo e do cinematógrafo.

Nesse mesmo ano trabalhou, com geral agrado, no Passeio Público (ar livre), e no Politeama, o *Cinema Pathé*, de Honorato José de Sousa.

Depois de fazer exhibições, durante alguns meses, em Itapagipe, à Rua do Rosário (ar livre), e Largo da Madragôa, onde funciona hoje, o Cinema Popular, ainda voltou a trabalhar no Politeama, em 1910, dando seu último espetáculo a 15 de outubro do mesmo ano.

Era um cinema a preços populares.

Honorato de Sousa estreou o seu aparelho no Teatro São João, em 1908, quando este estava arrendado ao Dr. João Rodrigues Germano.

Trabalhou, em seguida, na Sete Portas (ar livre) durante três meses.

Em 1910 trabalhou também no Frontão, proximidades do Politeama, onde fez exhibir um filme que fez grande sucesso – *O pescador de pérolas*.

Diversas outras companhias de variedades, dentre tantas que há trabalhado no Politeama, nos têm exibido aparelhos cinematográficos, de menor ou maior aperfeiçoamento.

Nestes últimos tempos, os proprietários, também, dos Cinesmas: Ideal (1913); Jandaia (1914); e Olímpia (1918).

Durante alguns dias dos anos assinalados, por interesses comerciais, em vista da grande lotação do Politeama, alugaram-no para exibição de filmes de larga metragem, e custosos.

Não foram, porém, muito concorridos esses espetáculos.

Nosso público parece não gostar muito da cinematografia nesse teatro. Talvez por suas vastas proporções, fique de alguma sorte, prejudicado o efeito das projecções.

TEATRO SÃO JOÃO

(1899)

Praça Castro Alves

Está no mesmo caso do Politeama: não foi construído para cinema.

O teatro foi inaugurado em 1812, mas o cinematógrafo ali se introduziu em 1899.

Antes de o encararmos como cinema, propriamente dito, façamos, pelo mesmo processo, *à vol d'oiseau*, uma notícia, também histórica, desse teatro, que é próprio Estadual.

Seus fundamentos foram lançados em 1806, por D. João de Saldanha da Gama Mello Torres Guedes de Brito (6.º Conde da Ponte), e 52.º governador régio da Bahia, aqui falecido a 24 de maio de 1809.

Foi inaugurado a 13 de maio de 1812, por D. Marcos de Noronha e Brito (8.º Conde dos Arcos) e 53.º governador da Bahia.

Na sala de espetáculos desse teatro, encimando o camarote do governador, hoje transformado em cabine, e fronteiro à cena, se destaca um Anjo da Fama, admirável escultura do artista baiano Manuel Ignácio da Costa, ali colocado em época que não podemos precisar, assegurando, porém, a vista de documentos, já existir em 1839.

Esse distinto escultor, aqui falecido em 1851, aos 90 anos de idade, foi também o autor, em 1826, do Caboclo, esse antigo emblema da nossa independência política, sempre vitoriado, juntamente com o outro – a Cabocla – que apareceu vinte anos depois (1846), nas solenes festas, de ardoroso patriotismo, hoje amortecidas, ao glorioso dia 2 de Julho de 1823.

Domingos Pereira Baião, émulo de Manuel Ignácio da Costa, e também baiano, foi o escultor da Cabocla.

Manuel Ignácio da Costa, por alcunha – os seis leões – porque tantos tinha na mão direita, era tão religioso, rezam as crônicas, que de cada 10\$000 que ganhava, tirava logo um tanto para mandar rezar uma missa pelo repouso das almas dos cativos, havendo chegado, segundo é fama, a mandar rezar mais de quatro mil.

Tem o secular Teatro São João sepultado em seu templo, onde já se pontificou a verdadeira religião da Arte, memoráveis triunfos, todo um passado de inusitadas glórias!

Já foi um Capitólio, onde foram coroados os João Caetano, Taborda e Carlos Gomes, as Emília das Neves, Lucinda Simões e Ismênia dos Santos.

E como do Capitólio à *Tarpeia* não dista mais que um passo, facilmente atiraram-no, com todos os seus louros, com todas as suas glórias, no despenhadeiro onde só reinam trevas.

Primeiro lhe arrancaram da soberana frente a corôa de ouro, e substituíram-na por um barrete de guizos.

Ao depois, transformaram-no em uma espelunca, em casa de jogo, abrindo-se-lhe as portas para a pública roleta, assim como em 1900, o Politeama franqueara as suas impunemente, para o ostensivo boliche.

Foi, ainda, o alcaçar do sensualismo, no dia em que o transformaram num *Moulin Rouge*.

E como não bastasse à profanação, foi mais tarde, hospedaria de artistas, casa de penhores, do Monte do Socorro, depósito de materiais de construção, quartel de polícia e, até, praça de guerra.

E hoje, afinal, é uma simples casa de cinema!

ARQUIVO MUSICAL

Possuía esse teatro um Arquivo Musical notável, dos tempos idos, em que nesta terra se curava da boa música, se amava a excelsa Arte.

O que ainda restava do inestimável repositório, onde se encontravam partituras completas, com partes orquestradas, das óperas de Rossini, Bellini, Donizetti, Verdi, e outros afamados compositores italianos o que até nós chegou, em reduzida quantidade, porque mãos criminosas o desfalcaram, – PASTO era de traças e cupim.

Tais destroços estão, desde novembro de 1915, recolhidos ao Arquivo Público do Estado, mercê dos esforços do seu digno diretor, e também nossos.

GUARDA - ROUPA

Possuía, igualmente, riquíssimo guarda-roupa, com luxuosos costumes de época, completos, e adereços, que, em 1912, quando assumimos a direção do teatro, mandamos, autorizado pelo governo, incinerar, a bem da higiene (!), tal era o estado em que tudo encontramos; trapos, farrapos, restos imundos de uma grandeza extinta, da idade de ouro do Teatro, na Bahia!

Tudo foi, do mesmo modo, criminosamente aniquilado, pouco e pouco, ora alugando-se, ora emprestando-se, ora vendendo-se, até, os luxuosos costumes e adereços, a artistas de companhias ou empresários, e, ainda, em época de carnaval.

TELAS

Suas ricas e estimáveis telas, os retratos dos Drs. Agrário de Sousa Meneses e João Pedro da Cunha Valle iustres e sempre memorados conterrâneos, fundadores do nosso extinto Conservatório Dramático, maiores vultos, na Bahia, das Letras dramáticas, os retratos do insigne Maestro Carlos Gomes, e do pintor sergipano Horácio Hora, juntamente com a grande tela, de subido valor artístico – *Pery salvando Cecy* – trabalho do mesmo, estavam, de há muitos anos, colocadas no *foyer*, mas, nos últimos tempos, completamente abandonadas, desprezadas, tal o indiferentismo de nossos governos pelo teatro do Estado, as pinturas a óleo já rachavam, de ressecadas, as molduras, de algumas, em miserável estado!

Essas telas, depois de restauradas, e de novo em molduradas algumas, pelo saudoso artista-pintor Manuel Lopes Rodrigues, em virtude, ainda de solicitação nossa ao governo, como diretor do teatro,

foram recolhidas ao Arquivo Público do Estado, em abril de 1917, por deliberação do Dr. Antônio Ferrão Moniz de Aragão, atual governador.

CENÁRIO E MOBILIÁRIO

Nada mais resta, igualmente, dos cenários pertencentes a esse teatro.

Em várias épocas foram clandestinamente tirados, em parte, por companhias que nele trabalharam e o resto foi emprestado, mediante autorização legal, para Pernambuco e cidades do nosso litoral, voltando alguns, apenas, incompletos ou inutilizados, por muito estragados.

Das antigas mobílias de cena, que eram completas, e uma delas luxuosa, restam os destroços de um sofá, e mais duas cadeiras, quebradas, estilo Luis XV, em algum tempo estofadas e forradas de *damasco-grénat*, atiradas, como vimos, lá no último andar, nas águas-furtadas do teatro, ao lado de uma Coroa Imperial de grande dimensão belíssima obra de talha, suficiente para recomendar a perícia de nossos artistas do passado.

Foi retirada, em novembro de 1889, pelo advento da República, do alto da parte central do grande arco da boca de cena, onde fora colocada há cerca de 80 anos, pois em 1839 já ali existia, assim como o Anjo da Fama, a que já aludimos.

Depois 24 anos de assim atirada, em menosprezo, a um canto de parede, coberta de espessa camada de poeira, como a encontramos, acha-se, também por iniciativa nossa, depositada no Instituto Geográfico e Histórico, desde o dia 6 de março de 1913, onde figura, por sua origem, valor artístico e recordação histórica, ao lado de outras relíquias que falam de nossas tradições.

DEMOLIÇÃO

Em 1912, quando os altos poderes públicos da cidade, representado o governo do Estado pelo Exm^o. Sr. Dr. J. J. Seabra e a Intendência pelo Exm^o. Sr. Dr. Júlio Brandão, estavam em plena homogeneidade de pensamento pela remodelação material desta capital, e que se projetava construir o teatro Municipal, de feição toda moderna, à Praça Castro Alves, onde se está hoje, levantando o *Kursaal*, chegando-se a lançar os seus fundamentos, foi decretada a demolição do velho trambolho chamado Teatro São João em nome da estética do aformoseamento daquela praça, porquanto o progresso, a civilização do nosso povo, não mais permitia continuasse erguido aquele obstáculo ao pleno descortino do panorama marítimo que o ponto oferece.

Felizmente, dizemos nós, que muito nos batemos contra esse projeto de demolição, quer pela imprensa, quer por meio de públicas conferências, uma das quais solenemente realizadas nesse mesmo teatro, no dia comemorativo do centenário de sua inauguração, a 13 de maio de 1912, às vésperas da execução oficial da irrevogável sentença, felizmente não foi ele profanado pelos alviões; e, seis anos já decorridos, ainda se mantém de pé, porque o Brasil possa ler, em suas vetustas paredes de pedra, e no granito ou mármore de seus ornamentos, qual soberbo livro no espaço aberto, e pela mão dos séculos escrito todo um período artístico de sua vida colonial, mais outro, inteiro, dos tempos monárquicos, e ainda outro, até hoje, de 29 anos, do novo regime republicano.

Nenhum outro teatro, em nosso país, existe mais, de tão grande valor tradicional para nossa história de Arte, para nossa vida intelectual.

É o único que nos resta, que, afortunadamente, nos lega o passado, com a sagração do tempo, que o tem sabido respeitar mais que os homens.

Em reverência ao passado, e em homenagem ao futuro, não deve ser demolido o teatro São João da Bahia.

Fazê-lo, é atentar-se contra a própria lei em que se escudam os apologistas dessa idéia - a lei do progresso, porque progresso significa civilização, e civilização significa Cultura.

O progresso de um povo está na razão direta de sua cultura: quanto mais culto, mais amigo e zeloso de suas honrosas tradições históricas, literárias e artísticas.

Aos monumentos-vivos de nossa história, morte não se lhes dá – transforma-se-os, e um teatro pode muito bem ser transformado em um *syllogêu*, biblioteca, ou museu.

Destruir templos que têm a sagração da História Pátria, e a chancela dos séculos, não nos permite a Civilização: próprio era de antigos povos, sem cultura – bárbaros chamados.

Em nossa obra – “O Teatro na Bahia” – publicada em 1915, oferecemos desenvolvida e minuciosa descrição histórica, documentada desse, e de outros teatros construídos nesta capital.

A DERRADEIRA TENTATIVA

Em 1904 estava, o teatro São João arrendado pelo governo aos Srs. Dr. Thomé Moura e Eduardo Carigé (falecidos) e Anselmo Pires de Albuquerque.

Aliados ao Dr. Antônio Pedro da Silva Castro e Lelis Piedade, nomes que nos despertam saudosas recordações, era o nobre objetivo de todos esses ilustres intelectuais baianos dar renascimento às Letras dramáticas, e estimular, do mesmo passo, o gosto do povo pela grande Arte, para o que se congregaram, a eles reunindo-se, também, o maestro Remigio Domenech, e fundaram, por entre eclosões de esperanças, que o indiferentismo não deixa durar muito, uma sociedade sob o título – Teatro Nacional.

Não visavam interesse mercantil, os preços das locações eram populares, ao alcance de todas as bolsas, dramas nacionais, de seletos escritores, especialmente baianos, seriam montados; sacrifícios enormes se despendiam; energias sem conta eram gastas e tudo, tudo em prol da benemérita idéia.

O heróico tentame, porém, dos néo-cruzados não pode vencer os vagalhões da indiferença de todos – público e poderes públicos – e, pouco mais de um ano após, se dissolvia a sociedade dos visionários, dos pulchros sonhadores, sendo o contrato rescindido em junho de 1905.

Foi o canto de cisne de meia dúzia de moços, cheios de fé, fortes de esperanças, transformadas, em pouco tempo, nas mais tristes desilusões!

O “MONTE DO SOCORRO” NO TEATRO

Em 1906, por deliberação do governo do Estado, foi instalada no Teatro São João a “Caixa Econômica Federal e Monte do Socorro”, só o desocupando no dia 18 de novembro de 1907, quando se mudou para edifício próprio, à Rua do Tesouro.

Camarins, palco e outras dependências do teatro, durante todo o tempo da invasão, serviram de depósito de materiais de construção do novo edifício da “Caixa Econômica”, que funcionava no salão principal do templo de *Melpomene*.

Proh pudor!...

O SÃO JOÃO - CINEMA (1899)

Nesse ano funcionou nesse teatro – pela primeira vez – um cinematógrafo de um italiano, que ia causando o incêndio do edifício.

Utilizava-se o proprietário da luz oxicalcica e em uma noite do espetáculo, o bastão de cal, aquecido ao rubro-branco, caiu, casualmente, dentro de um cesto de filmes, determinando o princípio do incêndio.

Após esse incidente não trabalhou mais, seguindo o italiano, com o seu cinema, para Alagoinhas.

Funcionou poucos dias nesta capital.

Em princípios de 1904, ainda funcionou aí, por espaço de uns quarenta dias, um cinematógrafo denominado *Bioptik*, propriedade de um francês, viajante, de nome Gabriel de Montoelli, que se retirando desta capital, o deixou entregue ao Sr. Aureliano Mata.

Fez sucesso, na ocasião, o filme – *Reino das Fadas* – o de maior metragem da época, pois levava mais de meia hora passando no écran.

O aparelho, e mais todo o *stock* de filmes desse Cinematógrafo, foi, ao depois, adquirido pelos Srs. Justiniano da Hora Dantas, Valeriano Tibúrcio da Silva, e Feliciano da Ressurreição Baptista, com o intuito de o explorarem em cidades do nosso recôncavo.

Era com esse aparelho que fazia sua definitiva experiência, de *luz oxietérica*, o inditoso Feliciano Baptista, e passava, na ocasião, o aludido filme – *Reino das Fadas* – quando ocorreu, em suas oficinas de pianos, à Rua Carlos Gomes, a fatal explosão que lhe tirou a vida, aos 20 de outubro de 1904.

Morto Feliciano, constituíram seus outros dois sócios uma firma – Hugo Lerob (fictícia); e no mês seguinte de novembro exploraram o gênero, com o mesmo aparelho, substituída, porém luz *oxyethérica* pela elétrica, no Teatro São João.

Não dando o êxito desejado por ser a luz elétrica de corrente alternativa, e ainda, pelo lado econômico, sendo contínuos os prejuízos, em virtude de grandes despesas, pelo fato, principalmente, de estar, então, o teatro arrendado, ao cabo de um mês, mais ou menos, deixou de funcionar.

Foi esse cinema o primeiro na Bahia que cogitou do preço popular de quinhentos réis para suas locações.

Pelo mês de dezembro de 1905, já rescindido o contrato do governo com os referidos *utopistas* do renascimento do nobre teatro, abriram-se as portas do sentenciado São João, para receber, de novo, o soberano Cinema.

Nele instalou-se, então, a empresa E. Hervet, que nos deu a conhecer um aperfeiçoado cinematógrafo, dos melhores da época, não só pelo tamanho, senão também, por sua escolhida coleção de vistas animadas e coloridas.

Trazia também essa empresa um grande fonógrafo, adaptável ao aparelho Cinematógrafo, determinando uma ilusão completa, pela perfeita combinação.

Era admiravelmente harmônica a marcha dos dois aparelhos, de modo a se casar a voz com o gesto, com o mover dos lábios, de tal sorte, que o público, entusiasmado, aplaudia o notável cantor, que voltava às cenas (ao pano branco) em sorridente agradecimento.

Muita vez a platéia exigia bis, mas se acontecia já estar o cantor enrolado, era preciso desenrolá-lo, e dar corda nova à sua voz fonógrafo.

Esse cinema, que trabalhou ainda durante os primeiros meses de 1906, dentre outros de importância, exibiu vários episódios da guerra Russo-Japonesa, inclusive a Defesa de Porto-Arthur, em cujo primeiro plano se destacava o vulto heróico do general *Stoessel*.

EMPRESA JOÃO GERMANO (1908-1911)

Retirando se a empresa Hervet, pouco depois instalou-se no teatro, como já ficou dito, a “Caixa Econômica Federal e Monte do Socorro”, que o deixou em novembro de 1907, sendo então, a 6 de março de 1908, no governo do Dr. José Marcelino de Sousa, arrendado ao Dr. João Rodrigues Germano.

Sem mais socorro ter, o velho e já desprestigiado teatro, submetido, continuou, até hoje a cumprir sua nova sina.

É bem verdade que o Dr. João Germano dele se compadeceu um pouco, e deu-lhe logo instalação elétrica, que não conhecia, mandou consertar todo o antigo sistema de gás carbônico, o aseiou, rasgou-lhe janelas, restaurou-lhe o arruinado terraço, deu-lhe, ainda, farta ventilação, por meio de aparelhos elétricos, o dotou, em fim, de muitos melhoramentos, pois o teatro, ao deixá-lo a “Caixa Econômica”, estava mesmo em miserável estado.

João Germano, durante seu arrendamento, em que, a par do cinema, por vezes não deu representações do gênero Variedades, sublocou o teatro a diversos, dentre os quais – Honorato José de Sousa, Gustavo Pinfield, Lisboa & Cia, sendo o último o Coronel Ruben Pinheiro Guimarães, explorando todos o mesmo gênero – Cinema.

Todos, mais ou menos, sofreram prejuízos, devido ao alto preço, então, dos filmes, e, ainda, à falta de concorrência do público, que era muito exigente.

Sem a exibição de 12 filmes, pelo menos, por noite, e sempre novos, não ficava satisfeito, e protestava.

Ora, os espetáculos não eram divididos por sessões, dificilmente podiam as empresas exhibir fitas novas, em cada noite, estas custavam, naquela época, 1\$500, ao metro, e eram compradas, porque não se alugavam. Os preços das locações eram baixos, consequentemente, era certo o prejuízo para o3 que exploravam o gênero.

Desiludido, afinal, o Dr. João Rodrigues Germano, rescindiu o seu contrato com o governo, em 1911.

EMPRESA RUBEN GUIMARÃES (1911)

Retirando-se o Dr. João Germano, o Coronel Ruben Pinheiro Guimarães, que já se achava instalado no teatro, por sublocação daquele, obteve-o do governo, pelo aluguel mensal de um conto de réis, para continuar a explorar o cinema.

Seguindo o exemplo de seu antecessor, e homem ativo, empreendedor, e inteligente, muitos outros melhoramentos, tem igualmente feito no teatro, salientando-se: o rebaixamento geral do palco, cujo declive, muitíssimo forte, constituía grande defeito de Construção a substituição completa dos vetustos e estreitos, quanto “inestéticos” bancos de palhinha da platéia, por cômodas e modernas filas de cadeiras americanas, a ampliação da luz elétrica, hoje profusamente distribuída.

Não se descurou, tampouco, da parte mais importante a higiênica, já se ocupando do asseio rigoroso, já construindo, no pavimento térreo, ao nível do porão do teatro, mictórios e gabinetes sanitários, de modo, em fim, a nos poder oferecer um centro de recreação pública dos mais dignos de uma capital.

Merece todo o maior louvor seus esforços, pelo fato de nenhum auxílio pecuniário receber do governo do Estado, por esses e outros beneficiamentos feitos, sem nenhuma garantia para seus capitais empregados.

Em dezembro de 1911, instalou, em uma parte da área do teatro, em pavilhão apropriado, um conjunto *electrógeno*, da acreditada fábrica americana Fairbanks Morse & Cia de Chicago, que fornecia (não

existe mais) a energia precisa para a iluminação elétrica de todas as dependências do teatro.

Foi montado pelo Eng. americano F. P. Erdmer, sob cuja direção funcionava o motor, o primeiro dessa fábrica adotado no Brasil, segundo somos informado, e que acarretou a seu proprietário uma despesa superior a 18:000\$000.

Naquele mesmo ano e mês, foi exibido, pela primeira vez nesta capital, o *Chronofono Gaumont*, filme cantante, como também, o denominaram que causou grande êxito, porque a ilusão era completa, vendo-se e ouvindo-se, simultaneamente, por meio desse engenhoso aparelho, cantores de nomeada.

Não se descreve, por exemplo, o efeito da área do toureador da Carmen, com orquestra e coros em cena.

ORQUESTRA

Em abril de 1915 estreou-se uma orquestra, composta de músicos alemães, cujo conjunto, proecto e harmônico, constituiu, durante três anos, a *great attration* dos *habitués* do São João.

Até à data em que se dissolveu, meado de 1918, nenhum outro cinema, na Bahia, pode competir, em maestria técnica e número de figuras, por melhores os elementos que possuísse com a orquestra do Teatro São João, que ademais, prestou assinalável serviço em nosso meio musical, pela emulação que despertou aos profissionais indígenas, os concitando ao estudo.

Gratas recordações nos deixou de suas belas *soirées* de arte, proporcionando-nos boa música, magistralmente executada.

Era seu regente o maestro Fritz Hintz começou por 9 figuras, chegando a elevar-se a 19.

A datar, porém, da declaração da guerra à Alemanha, por nosso país, em 26 de outubro de 1917, foram se retirando alguns músicos, ficando a orquestra reduzida a 12 figuras, até se dissolver.

Havia pertencido, em sua maioria, as orquestras dos paquetes alemães – Cap. Vilano, Blucher, e Sierra Nevada, que se achavam ancorados no porto do Recife, e ficaram internados, quando explodiu a tremenda guerra européia, em agosto de 1914.

Alguns eram naufragos do Cap. *Trafalgar*, metido a pique pela patrulha inglesa do Atlântico, na altura dos Abrolhos.

CONCURSO DE COMÉDIAS

Com o pensamento nobre de estimular os escritores baianos a produzirem peças dignificantes para esse pobre “Lázaro” que se chama Teatro Nacional, instituiu o coronel Ruben Guimarães, em meados deste ano (1918) – prêmios de honra (medalhas de ouro e prata), para comédias originais, em um ato, classificadas nos três primeiros lugares, em concurso, presidido por um júri idôneo, de eméritos intelectuais, escolhidos dentre nossos jornalistas e literatos, obrigando-se, ainda, a encená-lo.

O primeiro concurso realizou-se a 9 de julho de 1918. As medalhas conferidas aos três autores premiados foram solenemente entregues, em cena aberta, em noite de 21 de mesmo mês, quando foi representada a primeira comédia.

Esses concursos literários, assim iniciados em boa hora, são clarins de guerra, chamando os legionários a seus postos de honra, concitando os operários ao trabalho glorioso e civilizador.

Nobre estímulo são, sem dúvida, porque não desfaleçam, não descreiam, não percam as edulcorantes ilusões, que seivas são

de vida espiritual, esses que, em nossa terra, vão por aí agonizando, uns, perecendo, outros.

São bálsamo de conforto e brado de coragem, em meio ao Calvário dos nossos homens de Letras.

Mas não cremos sejam ainda esses os novos alicerces para a restauração, ou, pelo menos, para o saneamento moral do teatro, em nossa terra, do nobre Teatro, o que instrui, moralisa, edifica, e civiliza.

Oxalá muito nos enganemos, e, ao revez, tenha feliz êxito o louvável tentame, e possa abrolhar a semente, para honra da cena brasileira.

Se isso acontecer, o que muito ansiosamente desejamos, embora sem confiança na ressurreição desse Lázaro, se isso acontecer, terá o Sr. Coronel Ruben Guimarães conquistado na Bahia o título de Grande Benemérito do Teatro.

COMPANHIA NACIONAL DE COMÉDIAS

De quando em vez o esforçado empresário, obedecendo, naturalmente, a um pensamento, que não passa da bela miragem, faz trabalhar no teatro uma companhia dramática, de maior ou menor quilate, consoante os elementos que se lhe oferecem, conjunto, ora, de artistas, ora de amadores, ora eclíptico, constituindo ou empresas, ou grupos de mambembes.

A mais recente, e que se dissolveu, afinal, como todas, em setembro deste ano, trabalhando pouco tempo, denominava-se, Companhia Nacional de Comédias, da qual era empresário o próprio Sr. Coronel Ruben, seu incorporador, e diretor de cena o autor Brandão Sobrinho.

Entre as comédias representadas (muito poucas de autores brasileiros, apesar de ser Nacional) registramos, nos meses de julho

e agosto, as dos nossos conterrâneos, drs.: Affonso Ruy de Sousa e Archimedes Pessoa – *Uma aventura*, e *Um juiz no sertão*, ambas em um ato, que obtiveram o 1.º e 2.º prêmios no referido concurso.

A de nossa lavra, titulada - *Véspera do Bonfim* – que foi, nesse mesmo concurso, classificada em 3.º lugar (comédia de costumes locais, ornada de música), não logrou, como devia, as honras da cena, porque ao entrar em ensaios, começou, justamente, a debacle da companhia, retirando-se alguns artistas, que não puderam ser substituídos de pronto, e, por fim, o diretor também de cena, dissolvendo-se pouco depois, ao embarcar este para o Rio de Janeiro.

O gênero Variedades, em companhias constituídas, ou artistas avulsos, meio, também, pelo qual o Sr. Coronel Ruben procura maior recreação e atrativo oferecer ao público, nas *soirées* do seu cinema, é o mais apreciado, o que mais agrada.

Não incluímos nesse gênero, nem as notáveis cantoras cosmopolitas, nem o célebre enterrado vivo, nem o maravilhoso cavalo que fala todas as línguas, nem ainda a fenomenal aranha humana, que fala também, e tem cabeça de mulher,...

CINEMA DOS SALESIANOS

(1907)

Rua Cons. Almeida CoUto, nº. 19

É propriedade do “Liceu Salesiano do Salvador” foi inaugurado em março de 1907, tem uma lotação de 300 cadeiras e só funciona em feriados nacionais de gala, ou dias festivos do estabelecimento.

Sua banda de música é formada de alguns aprendizes das escolas profissionais do “Liceu”, contando, atualmente, 30 figuras.

Possui conjunto electrógeno, oferecido, juntamente com uma bela coleção de filmes, pelo Dr. Magalhães Castro.

Foi criado este cinema para entretenimento dos alunos, que nele têm, ao mesmo tempo, uma escola de moral, porquanto só se exibiam filmes edificantes e instrutivos.

A exceção dos alunos e suas famílias, só mediante convite especial têm ali ingresso pessoas outras.

Possui, também, o “Liceu dos Salesianos” um teatrinho, para diversão, ainda, de seus alunos, que inteligentemente interpretam comédias, dramas e peças de fundo moral.

Pela amplitude do pavilhão, onde está levantado, que é isolado do edifício principal, e construído sobre uma vasta área, nas proximidades pela perfeita instalação de todo o material necessário, desde o mobiliário até à iluminação, e principalmente, pelas dimensões, solidez, e elegância do palco, em que tudo é digno de nota, a começar pelo pano de *boca*, e terminando nos cenários, trabalhados por hábeis mãos da artista por tudo isso, e, ainda, pela confortabilidade que oferece o vastíssimo salão, do tamanho de todo o pavilhão, sem nenhuma divisão, podendo, seguramente, ocupar mais de 800 cadeiras; afirmamos tão agradável a impressão nossa ao visitá-lo, que é, atualmente, esse teatrinho dos meninos Salesianos, o mais em foco, dentre todos os de caráter particular, e superior a todos os públicos, exceção feita do Politeama, do São João e do Olímpia.

A realizar com esse teatrinho quanto às dimensões do palco, só conhecemos o Cinema Recreio S. Jerônimo.

O Liceu Salesiano do Salvador, que é um dos estabelecimentos de educação que honram nosso Estado, e dos primeiros desta capital, erguido, para sua grande obra de benemerência, à custa de muito sacrifício, muita dedicação, e muita perseverança, a perseverança dos fortes, dos crentes, dos blindados na couraça da fé, que arma heróis, foi inaugurado em dezembro de 1899, pelo padre salesiano Lorenzo Giordano, então seu Superior.

CINEMA IDEAL (1913)

Ladeira de São Bento, n.º 3

O prédio, em cujo pavimento térreo funciona, fica contíguo ao Hotel Sul Americano. Nele foi batizado, a 5 de maio de 1850, o eminente brasileiro Cons. Ruy Barbosa.

Em meados de junho de 1912, foi arrendado pelo Sr. Thomaz Antenor Borges da Mota, para instalar o Cinema Ideal.

Construção antiga teve de sofrer grandes reformas sendo contratado para as obras precisas o eng. italiano Rossi Baptista.

Iniciadas em começo de julho do mesmo ano foi nessa ocasião ao Rio de Janeiro o Sr. Mota, a fim de fazer aquisição do material elétrico, mobiliária, marquise, e demais adornos necessários à montagem do seu cinema, contratando ali o pintor italiano Aurélio Nochio, já falecido, para vir fazer as decorações, assim como um electricista, de grande reputação profissional, igualmente italiano, Carlo Fiango.

De regresso, e com esses elementos, deu todo o desenvolvimento para o término das obras, que ficaram concluídas em dezembro, sob a administração e fiscalização, sempre, do Sr. Mota.

No dia 21 de janeiro de 1913, às 2 horas da tarde, inaugurava-se o cinema.

Compunha-se, então, de dois salões, o de espera e o de espetáculos, sendo a lotação deste de 320 cadeiras.

A projeção era feita do fundo da sala para a frente, ficando o écran entre as duas portas de saída, que dão para a ladeira de São Bento.

Durante as exhibições dos filmes, tocava um grupo orquestral de oito figuras, dirigidas pelo maestro Laborda.

Na sala de espera, artisticamente decorada, tocava outra orquestra de bandolinistas, vindos do Rio de Janeiro, que faziam parte da orquestra do Cinema Ideal daquela capital.

Tornou-se logo o cinema preferido da Bahia elegante. Nele via-se, todos os dias, o que a nossa sociedade possui em evidência, assim nas ciências e letras, como nas artes e comércio.

Suas *matinês* eram freqüentadas pela elite baiana e os espetáculos se prolongavam das duas horas da tarde, às onze e meia da noite.

Os filmes de mais sucesso, na época, foram todos passados no seu écran.

Em meados de 1913, vindo à Bahia o presidente da Companhia Cinematográfica Brasileira, com o filme – *Quod Vadis* – e feita a proposta para a exibição, era por tal forma elevado o preço, que o proprietário do Ideal foi forçado a exibi-lo, primeiramente, no Politeama Baiano, sendo ali projetado quatro dias seguidos, com bastante concorrência, e ao depois, no Ideal, onde, relativamente, deu melhor resultado mercantil.

Esse filme custou de aluguel 10:000\$000, sendo a Bahia a única cidade do Brasil onde menor lucro auferiu uma empresa de cinema.

Após esse filme outros, ainda, de grande metragem foram exibidos, com êxito, no Politeama e no Ideal, entre os quais - “Os últimos dias de Pompéia” e “A destruição de Tróia”.

Mais ou menos nessa época deu o Sr. Mota sociedade ao seu cunhado José de Oliveira Costa, constituindo-se, então, a firma comercial Costa & Mota e assim trabalharam juntos até abril de 1915, quando se retirou o sócio José de Oliveira Costa.

Em junho do mesmo ano entrou, como novo sócio do Sr. Mota, o Sr. António Luís Alves, proprietário do Hotel Sul Americano, constituindo-se a firma B. Mota & Cia.

Nessa fase, inicia Mota as grandes obras de radical reforma ao Ideal, o transformando, de *fond en cornble*, no elegantíssimo cinema da atualidade. O que mais é de admirar durante todo o tempo das grandes obras de transformação, só interrompeu seus espetáculos, o Cinema Ideal, durante quinze dias. Deu nova feição à sala de espetáculos, mu-

dou o écran da frente, isto é, do lado das entradas, para o fundo da sala, onde construiu, também, pequeno e elegante palco para conçonetistas, e limitados grupos dramáticos, muitos ali já tendo trabalhado.

A sala, que até então tinha 320 cadeiras, ficou melhorada de lotação, adquirindo uma ordem de frisas, e um balcão sobre estas, o que não existia.

Só não conseguiram os proprietários dar a comodidade necessária ao cinema.

A sala, sendo baixa, e sem ventilação natural, tornou-se mais quente do que a primitiva, a saída da platéia, por uma única porta para a rua principal, embora haja outra comunicando-se com a sala de espera, que conduz ao terraço, e, portanto, a outras portas de saída, tornou-se incômoda e perigosa, até, num caso de qualquer acidente.

De alguma sorte os ventiladores artificiais, distribuídos por toda a sala, modificaram o excessivo calor, mas produzem, às vezes, mal à saúde, causando constipações, e, em geral, mal estar aos espectadores. Em princípios de 1916, voluntariamente se retirou o Sr. Mota da empresa do Cinema Ideal, onde, desde sua fundação, tinha parte principal, tanto administrativa, como comercial.

Ficando o Sr. Antônio Luís Alves proprietário exclusivo do cinema, não logrou ver por muito tempo a antiga freqüência e, decorridos alguns meses, foi forçado a fechá-lo, durante dois meses, depois de o haver alugado a diversos.

Afinal foi arrendado à empresa Pimentel & Lima, que o reabriram a 14 de julho de 1917.

Em fins desse mesmo ano separou-se o sócio Pimentel continuando, porém, a funcionar o cinema, até hoje, sob a responsabilidade, exclusiva, e inteligente direção do Sr. Coronel João Gaudêncio de Lima.

O Sr. Borges da Mota, quando proprietário do Ideal, com o intuito de atrair a escól baiano, mormente as gentis senhorinhas da nossa sociedade elegante, iniciou, meados de 1913, as matinês da

moda, assim por ele denominadas, a que se sucederam outras, de vários batismos: *matinês blanches*, *matinês roses*, *matinês chics*, etc.

Eram às quintas-feiras de cada semana, e foram extraordinariamente concorridas pelas mais distintas famílias, tornando-se notáveis as caprichosas toaletes com que se apresentavam as jovens senhorinhas.

Em uma dessas matinês houve um concurso de beleza (o único), promovido ainda pelo Sr. Mota, sob o patrocínio do Jornal Moderno e Gazeta de Notícias, já extintos, em que foi aclamada a distância senhorinha Yáya Vianna, de ilustre família, baiana.

Foi uma festa brilhantíssima, que tocou às raias de um triunfo para a heroína, do dia, sobre quem choveram flores e aplausos, pronunciando vibrante alocução, ao entregar-lhe o prêmio, conquistado por seus dotes físicos, o talentoso jornalista e poeta Altamirando Requião.

Nessas matinês, tão distintas, de tonalidade aristocrática, tocava a laureada pianista brasileira Luisa Leonardo, em conjunto orquestral.

No Ideal procurou, ainda, seu aforçurado fundador, estabelecer conferências artísticas, que chegaram a ser iniciadas por Altamirando Requião, seguindo-se-lhe mais uns dois de nossos intelectuais. Esse digno tentame, infelizmente, não vingou.

Na memória de todos os *habitués* do Ideal, deve de estar também gravada a esplendente matinê infantil do Natal de 1913, promovida pelo popular vespertino – A Tarde, em que foram distribuídos milhares de brinquedos, alguns de valor.

Àquela matinê bateu, pela concorrência, o recorde de todas, calculando-se em mais de três mil o número de crianças.

As matinês chics não morreram de todo no Ideal. Embora sem aquele mesmo fulgor das de outrora, este ano algumas têm sido efetuadas, ora pelo seu atual e digno arrendatário, o Sr. Cor. João Gaudêncio de Lima, ora pelo já extinto jornal A Cidade, ora pela florescente revista literária *Phenix*, que, ainda, promoveu a bela matinê *blanche*,

a véspera do Natal deste ano, com distribuição de bombons e flores, fazendo uma conferência, literária o poeta Mário Linhares, que tomou por tema: Elogio do Sonho.

O grupo orquestral do Ideal é, atualmente, dirigido pelo nosso inteligente contrerrâneo e estimável cavalheiro, Sr. Geraldo De-Vecchi.

A gerência do cinema está confiada ao Sr. Enéas Farias, que, por suas delicadas atenções, goza de geral simpatia pública.

LOTAÇÃO DO IDEAL

Cadeiras.....	226
Entradas (frisas).....	64
Entradas (balcão).....	81

CINEMA DO FORTE DE SÃO PEDRO (1914)

Praça da Aclamação

Pertenceu ao extinto Batalhão 50º. de Caçadores, e hoje é do Regimento 11.º de Infantaria.

Funciona na grande área do quartel do Forte de São Pedro, quinzenalmente, sendo, ao princípio, aos sábados e feriados nacionais. A música é a própria do batalhão.

Sua lotação é de 400 cadeiras, mas pode comportar, pela amplitude da área, mais do duplo.

Foi inaugurado no dia 24 de maio de 1914, data comemorativa de um dos nossos maiores feitos d'armas, na campanha do Paraguai, a batalha de Tuyuty, em que o exército brasileiro se cobriu de imarcescíveis glórias.

Foi fundado pelo Tenente-coronel Francisco Cabral da Silveira, então comandante do ex-Batalhão 50º. de Caçadores (hoje general de brigada reformado), com o intuito de desenvolver a educação cívica e moral das praças, exibindo, para isso, filmes patrióticos, e, especialmente, de caráter militar.

Auxiliaram-no, em tão nobre pensamento, todos os oficiais do batalhão, destacando-se, dentre todos, o Major Irineu Mendonça, encarregado da direção, um dos mais entusiastas, e maior propulsor da fundação.

Criado exclusivamente para recreio das praças, dos oficiais e suas famílias, tem sido, entretanto, freqüentado, com extraordinária concorrência, por famílias da elite baiana, e pessoas gradas, mediante convites especiais, porquanto não é público.

Obedecendo a seus fundadores aos fins básicos ensinamento cívico e moral para as praças do batalhão, e em homenagem, ainda, á data gloriosa do dia, organizaram para o espetáculo de estréia um significativo programa, dividido em duas partes, sendo projetados os seguintes filmes:

PRIMEIRA PARTE

Homenagem aos heróis de “Tuyuty” - General Osório - A lei da guerra - Milagre das rosas.

SEGUNDA PARTE

Dionísio de Cerqueira - Recomeçam as hostilidades dos Balkans - Exército de tiro pela esquadra, americana - Miúdo, cantor ambulante - Agradecimentos.

A solene inauguração compareceram o Governador do Estado, com sua Exma. família, representantes do Secretário do Estado e do Intendente, o Inspetor da região militar, com todo o seu estado-maior, grande número de famílias, oficiais da armada e exército, e do Regimento Policial, representantes da imprensa e avultado número de pessoas gradas.

CINEMA OLYMPIA

(1915)

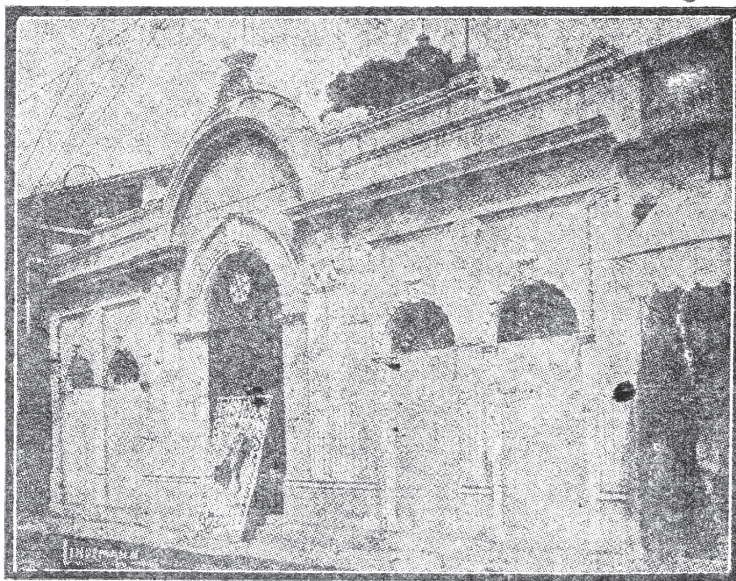
Rua Dr. Seabra

Situado no mesmo local em que foi construído, em 1912, o Cinema Íris, teatro, deste, porém, nenhuma memória mais conservando, depois da grande e radical reforma, interna e externa, feita pelo seu atual arrendatário o Sr. Thomaz Antenor Borges da Mota, que lhe imprimiu verdadeiro caráter de teatro, de bom e elegante teatro, prestes a ser inaugurado, é, incontestavelmente, hoje, um dos mais populares Cinemas da Bahia, e será amanhã, ultimadas suas grandes obras, bastante adiantadas, o primeiro, sob todos os pontos de vista: local, lotação, condições teatrais, comodidade pública, higiene, iluminação, solidez, elegância, e, a par de tudo isso, o que é, também, do interesse direto da população — preços populares — para espetáculos cinematográficos, dramáticos ou líricos.

Quando, antes da reforma, pelos fins de 1915, exploraram os Srs. Henrique do Amaral e Augusto de Oliveira, sob a firma social Amaral & Oliveira, o Cinema Paz e Amor (ex-Iris-Téatre) mudaram-lhe, desde então, o título para Cinema Olympia.

Borges da Mota, em princípios de 1916, associou-se a Oliveira, pela retirada de Amaral da sociedade, e pouco depois, desligando-se

também Oliveira , formou-se a nova firma Bittencourt & Cia, composto de Borges da Mota e José Bittencourt.



Fachada do antigo Olympia (ex-Iris Teatro)

Em meados de 1916, retirando-se Bittencourt, passou, então, a pertencer o Olympia, por arrendamento, exclusivamente a Borges da Mota, que teve de lutar contra todos os erros dos anteriores arrendatários.

O Cinema, dia em dia, era menos frequentado, seu aspecto lúgubre, o péssimo estado em que se achava todo o conjunto, dava direito a supôr-se que era essa a causa determinante das vazantes contínuas.

Nessa ocasião era unicamente explorada a cinematografia, nenhuma outra fonte de receita havia, e, assim, estava a pique essa

casa, que já tantos títulos e tantos arrendatários e locatários tivera, de mais uma vez, fechar suas portas.

A perseverança, porém, inteligência, e tino administrativo, sobretudo, do Sr. Mota, aliados ao seu espírito empreendedor, de iniciativa própria, do que nos tem dado provas nas empresas que dirige, do que é público e notório, e eloqüente documento, o Cinema Ideal, por ele construído em 1913, por ele, ao depois, radicalmente reformado, o transformado num *bijou*, pois, até hoje, nenhum se lhe avantajou ainda em elegância, em gosto artístico a essa extraordinária qualidade do Sr. Mota, de opor sua indômita vontade aos maiores obstáculos que se lhe antolhem, de saber vencer, quando outros desfalecem a essa virtude, que faz prodigiosos milagres, deve-se o não haver desapparecido, naquela ocasião, o Olympia, e, ainda, o estar ele, hoje, mais altivamente erguido.

O Sr. Mota, em risco de fechar as portas do seu cinema, quando verdadeiramente lhe assumiu as responsabilidades, não desanimou, entretanto, não desfaleceu.

Para logo fez exhibir filmes de incontestável valor conquistou um certo número de *habitués*, que pouco ou quase nada era para compensar os sacrifícios, pelo enorme custo dos filmes adquiridos, mas o suficiente para despertar a atenção pública, e certificar-se de que da luta sairia vencedor.

Prossegue confiante. Em meados de 1916 contrata a troupe nacional Leoni, e a faz trabalhar em seu palco, que era ao fundo da sala, e medindo 4,00m, de largo, por 4,50m de fundo.

Este palco era feito sobre esteios de madeira, forrados de esteiras, na parte da encosta do morro da Saúde, cujos terrenos, muito elevados, não tinham desvio para as águas fluviais, de sorte que, em dias chuvosos, vinham desaguar no palco, invadindo muita vez a sala de espetáculos.

Esta era bastante baixa, tinha 7,00m de altura, por 8,50m de largura, comportando 300 cadeiras, a cabine era situada à frente do prédio, que olha para a Rua Dr. Seabra, e feita de tabique. Em cada

lateral havia um balcão, que comportava, no máximo, 40 pessoas; a sala de espera ocupava duas portas de frente, e era mobiliada com cadeiras austríacas, em relativo estado de conservação, e todo o cinema desprovido de condições higiênicas.

Inaugurados os espetáculos pela troupe Leoni, foi o cinema, pouco a pouco, adquirindo maior concorrência, pelo que o Sr. Mota se animou a contratar um conjunto orquestral de 6 figuras, sob a direção do nosso inteligente conterrâneo, o Sr. Geraldo De-Vacchi, que prestou bons serviços de sua nobre profissão.

Havendo a troupe agradao, tentou-se a montagem de uma revista, por sessões, denominada “o 21”, calque, em seus números principais, da revista portuguesa “o 31”.

Esta peça teve a boa fortuna de ser exibida, sucessivamente, 50 vezes, dando coragem ao empresário do Olympia de introduzir no palco e na platéia grandes melhoramentos.

Retirando-se a troupe Leoni, após 157 representações, e feitas algumas reformas no palco, foram ali trabalhar alguns elementos da Companhia Ciclo-teatral que se estreada no Politeama, e aqui foi dissolvida.

Tais elementos compunham-se dos artistas Beatriz Gouveia, Raul Soares, Octília Amorim, Antônio Gouveia, João Martins, J. Pires e Mendo Luna.

Trabalhou essa troupe durante quinze dias, embarcando-se, ao depois, para o norte, continuando o Olympia a exhibir somente filmes.

Nessa ocasião novas reformas, de pequena monta, fez o Sr. Mota em seu cinema, contratando em seguida o ator Pinto Filho, que fez uma temporada de 20 espetáculos com a sua pequena troupe.

A freqüência aos espetáculos do Olímpia aumentava, o que importa dizer: novos alentos de coragem e confiança adquiria seu arrendatário.

Continuando os melhoramentos iniciados, destruiu, por completo, o antigo palco, conquistou, pela primeira vez, alguns metros

dos terrenos do Morro da Saúde, pertencentes ao mesmo proprietário do edifício, o Sr. Coronel Pedro dos Reys Gordilho, nivelou-os, e contratou a trupe dos irmãos Queirolos (acrobatas), que deram dez espetáculos, trabalhando ao ar livre.

Continuaram as obras de ampliação do palco, ao saírem os acrobatas, novas conquistas, agora, de todo o terreno do morro. Este terreno, sobre o qual está hoje levantado o novo palco do Olympia, mede 17,00m de largura, por 10,00m de comprimento.

O desaterro feito, de 6,50m de altura, além de melhorar todas as condições higiênicas do cinema, principalmente a ventilação, deu margem a se poder construir um grande palco, com espaço bastante para encenações rigorosas de peças, e confortabilidade para os artistas.

Começa aqui a nova fase de melhoramentos definitivos.

O infatigável Sr. Mota, apesar dos limitados recursos a seu dispor, confiando, exclusivamente, nas férias diárias do seu cinema, resolve iniciar a grande reforma radical do Olympia, cometendo, para isso, a um profissional idôneo, o encargo de, sem demora, projetar essa reforma, apresentando-lhe as respectivas plantas, consoante seu plano de oferecer ao público um novo edifício, amplo, confortável, e atraente.

É disso incumbido seu amigo e distinto arquiteto português, Sr. Henrique do Amaral, que se desobrigou do encargo, na altura de seus créditos profissionais, e no mínimo tempo, sendo-lhe também confiada a direção técnica das obras, que estão a ultimar.

Ele é uma testemunha, das maiores, da luta, dos constantes desgostos, da absoluta falta de emulação, até, da parte dos que deviam auxiliar empreendimentos dessa ordem, vendo-se o empresário, por muitas vezes, a braços com sérias dificuldades financeiras, para chegar à conclusão da sua obra.

A reforma tem passado por várias modalidades, quanto à execução.

Ora é feita por empreitada, ora jornal, e diversos os empreiteiros, mas sempre sob a fiscalização de Henrique do Amaral, e segundo

os recursos pecuniários fornecidos, quotidianamente, pelos próprios freqüentadores do cinema, que melhor compreendendo o objetivo e benefício dessa reforma, concorrem sempre aos espetáculos, a despeito de, por vezes, terem sido forçados a abrir o guarda-chuva, quando a casa funcionou, alguns dias, sem telhado.

O povo sabe melhor auxiliar os que trabalham por uma causa justa, de interesse público, do que os argentários: estes, acorrentados ao dinheiro, só o emprestam com enormes garantias, exigindo a fiança de um rei do aço, ou do petróleo.

Apesar de todos os contratemplos, o Olympia está quase concluído, porque tudo venceu a pertinácia inquebrantável do seu construtor, que se deve orgulhar do seu heroísmo, e sentir-se ufano de ver, finalmente, corporisada, em breves dias, sua tão acariciada idéia: já não é pouco poder entrar na terra de Canaan muitos só logram vê-la de longe.

Pela reforma projetada, e já quase executada, ficará o novo Teatro Cinema Olympia com uma área de 800m².

A sala de espetáculos medindo, do fundo à boca de cena, 24m de comprimento, por 12m de largura.

O palco, do nível médio ao urdimento, 21m de altura, com duas ordens de camarins, em torno, e janelas, em número de 17.

O proscênio, 9m de largura, por 10m de fundo, e 18m de altura.

O porão toda a largura do palco. Lotação: 700 cadeiras (platéias), frisas 20, camarotes 28, e mais uma galeria em todo o circuito da sala, podendo comportar 300 pessoas.

Tem mais: uma sala de espera, decorada em estilo Luis XV, *terrassé*, ao ar livre, onde funcionará o bar, varandas em torno do edifício, gabinetes sanitários e de toaletes, saídas amplas, laterais, podendo a sala ser evacuada rapidamente. O serviço de higiene será observado rigorosamente.

Tem dois panos de boca o teatro, sendo um de anúncios, estreado em dezembro último pela trupe dramática empresada pelo

Sr. Mota, e outro decorativo, alegórico, representando a figura da Glória, circundada de outras, simbolizando a Harmonia num carro triunfal, tirado por quatro cavalos árdegos, destacado um destes pelo braço vigoroso de uma figura de operário, que empunha um facho: é o trabalho, que eleva o homem à Glória.

À frente desse esplendoroso cortejo, passa, aligeira, a figura de outra mulher, embocando a trombeta da Fama,

No primeiro plano, sentada, outra figura feminina, que, em significativo gesto, mostra o carro triunfal a uma criança, simbolizando a futura geração.

Em meio à ornamentação, aparece, luminosa, a legenda:
Labor omnia vincit.

Este pano, bem como todas as decorações e pintura do novo edifício, são do pincel, e originais, de Henrique do Amaral.

Concluindo essa parte descritiva das obras, devemos dizer que foram todas, desde o início, executadas sob a responsabilidade do Sr. Borges da Mota precedendo um contrato de arrendamento do prédio, com seus terrenos, e limitado prazo, com o respectivo proprietário, Sr. Coronel Pedro dos Reis Gordilho, pelo qual ficou resalvado ao arrendatário o direito de preferência, em o querendo reformar.

O aluguel de 400\$000 mensais que Mota pagava antes de iniciada a reforma, continua mantido pelo referido contrato.

Sem incluir o material que já possuía o Olympia, constante de móveis, máquinas e demais utensílios do cinema, que são propriedade do arrendatário, a despesa da reforma, propriamente dita, está orçada em mais de 80:000\$000.

Dirige seu conjunto orquestral, atualmente, o Sr. Tenente João António Wanderley, mestre do 1.º corpo da banda da Brigada Policial.

Rodando ao ponto da reforma, devemos ainda dizer que, pela planta geral da reconstrução, por nós examinada, será, realmente, notável a transformação da simples, da modesta casa de espetáculos cinematográficos, nascida em 1912 com o batismo de Iris-Teatro, em

um magnífico teatro, digno de uma população culta: o que, sobre significar dispêndio de grandes capitais, demonstra a enorme soma de energias aplicadas, o exaustivo labor, a perseverança admirável do Sr. Thomaz Antenor Borges da Mota, a par, igualmente, de profundas contrariedades e desgostos, que nem a todos é dado compreendê-los, sequer.

Conforme já dissemos, as obras estão sendo ultimadas, esperando o Sr. Mota inaugurá-las dentro do segundo semestre do novo ano de 1919, entregando, assim, ao gozo da população, mais um magnífico edifício, que a confirmação será, para todos, da sábia sentença latina: – *Labor omnia vincit* – flâmula de guerra do seu ultra-corajoso, do seu AUDACIOSO empreendimento.

O que merece assinalar, o que, realmente, espanta, é saber-se que, até hoje (31 de dezembro de 1918), quase concluída as extraordinárias obras de remodelação radical, nem uma só vez, nem uma só noite, deixou de regularmente funcionar o cinema, nem mesmo por ocasião de substituir-se a cobertura, houve interrupção de espectáculos, mesmo ao ar livre funcionava, e sempre, com bastante concorrência.

Uma vez inaugurado, ficará, incontestavelmente, dotada nossa capital, principalmente a zona em que se acha situado, das mais concorridas de toda a cidade, de um moderno teatro, obedecendo a todas as leis de higiene, e oferecendo condições de nele poderem trabalhar, com a vantagem de uma grande lotação para as empresas, companhias de qualquer gênero (dramáticas, líricas, de operetas e mágicas), de maior ou menor elenco, para serem exibidas por preços populares; desfarte prestando, ainda, seu iniciador relevantíssimo serviço ao proletariado, no seu gozo e educação e tudo, tudo sem o mínimo concurso, sem o mínimo auxílio, direto ou indireto, dos poderes públicos constituídos, quer do Estado, quer do Município, para os quais fora infantil credulidade apelar, em se tratando do nosso mais que abandonado ou desprezado repudiado TEATRO ele que já teve o seu sólio majestosamente erguido nesta terra de Agrário de Menezes e Cunha Valle, Joaquim Bezerra e Xisto Bahia, Clélia de Araújo e Ismenia dos Santos.

CINEMA RECREIO SÃO JERÔNIMO (1917)

Praça 15 de Novembro

Funciona no grande salão, com 12 janelas, em que esteve, durante muitos anos, instalada a Biblioteca Pública do Estado e outrora a biblioteca dos Jesuítas, sito ao andar superior, lado do mar, da igreja Catedral.

Pertence à “Obra Social Católica”. Foi inaugurado a 30 de setembro de 1917, tem uma lotação de 400 cadeiras, funciona às quintas-feiras, sábados, domingos, dias santificados e feriados.

Depois de inaugurado, já tem passado por alguns melhoramentos.

Possui um conjunto eletrógeno, e um motor de explosão.

É presentemente, pianista deste cinema, a distinta concertista Dra. Georgina Cabral Salles.

O intuito de seus fundadores, dentre os quais se destaca, por seus esforços e dedicação, Mons. Flaviano Osório Pimentel, digno Tesoureiro-mór, interino do Cabido Metropolitano da Bahia, foi promover espectáculos exclusivamente de caráter moral, para gozo e ensinamento das famílias e crianças, revertendo o produto líquido em favor das obras sociais católicas: edifica, por um lado, e por outro beneficia, a todos proporcionando, sob tão nobre pensamento, úteis e agradáveis horas de recreio.

Exibe filmes de todas as fábricas: mas todos da maior moralidade.

Era seu palco, de regulares dimensões, um dos melhores que conhecemos em cinemas, com a grande vantagem de possuir o vasto salão boa acústica, têm se exibido, por vezes, artistas líricos e diletante, bem como outros do gênero “Variedades”; sempre respeitado o princípio básico da moral social.

É muito frequentado por famílias de escól baiano.

Sua concorrência, no primeiro ano, foi calculada em mais de 30.000 pessoas.

O preço invariável do ingresso é quinhentos réis.

KURSAAL BAHIANO

(Em construção)

Destinado a diversões públicas de todos os gêneros, e em condições, também, de receber companhias dramáticas e líricas, e empresas cinematográficas, está se construindo, a Praça Castro Alves, um edifício sob o título acima.

Em 8 de julho de 1916, mediante concessão da Câmara Municipal, e respectivo contrato, assinado, naquela data pelo Intendente Dr. Antônio Pacheco Mendes, e pelo engenheiro civil Filinto Santoro, que vem dirigindo as obras, como seu construtor, foram estas iniciadas, no mesmo local em que devia ser edificado o malgrado Teatro Municipal, projetado pelo Dr. Júlio Viveiros Brandão, quando Intendente, em 1912, e cujos alicerces chegaram a ser feitos, em grande parte, empreendimento notável que se não efetivou, infelizmente, por circunstâncias especiais, que ora não vêm ao caso.

Do aludido contrato advirá, sendo devidamente observado, grande beneficiamento para essa praça, centro, à noite, dos mais concorridos da cidade, e portanto, incontestável serviço prestado ao público, porquanto o concessionário assumiu as seguintes obrigações:

1^a. Construir uma casa de espetáculos confortável, e com todos os requisitos higiênicos – o *Kursaal*.

2^a. Construir pequenos quiosques, elegantes, para diversos fins concernentes ao *Kursaal*.

3^a. Ajardinar a praça.

4ª. Construir uma balaustrada arquitetual, para substituir o gradil inestético que fechava a praça pelo lado do mar e da terra.

Essa balaustrada, que tem 7 figuras alegóricas de ornamentação, destinadas ao Teatro Municipal, já foi inaugurada no dia 7 de setembro de 1916, na administração municipal do Dr. Pacheco Mendes.

Antigamente viam-se plantadas nessa praça grandes gameleiras, de extensas e fortes raízes, substituídas, há poucos anos, por arbustos de espécie adequada ao local assim como eliminados foram, também, pela construção da nova e elegante balaustrada, os velhos gradis de ferro, e mais os célebres bancos, ao lado, disputados à noite por ociosos vagabundos, que, à falta de melhor lugar, deles faziam suas camas, e dormiam tranquilamente, sem que ninguém, nem mesmo a polícia, os incomodasse.

O edifício, cujas obras estão atrasadas, porque têm ficado por vezes paralisadas, durante semanas e meses, até, terá as seguintes dimensões:

Altura - 13,50m; largura - 16,40m; comprimento - 48,30m; idem - dependências para artistas e administração - 16,00m.

O estilo de construção preferido foi o novo, cuja concepção de conjunto produzirá o melhor efeito estético.

O arco-central será fechado por um vitral, em que as múltiplas cores de um pavão, do azul intenso ao amarelo dourado, servirão de fundo a duas estátuas, representando a Dança, que descansarão sobre uma cortina sustentada por duas colunas, cujo estilo lembra as tentativas que a Arte grega fez para libertar-se do antigo Jônico e Dórico.

Fechará o aludido arco expressiva alegoria à Música.

Internamente, o vasto salão de espectáculos, tendo capacidade para mil pessoas, compor-se-á:

a) platéia, ocupando cada lugar 0,55m por 0,80m.

b) galeria nobre, situada a 4m, sobre o nível térreo, com duas largas escadas para o devido acesso.

c) camarotes, inclusive os especiais para o Governador, Intendente, polícia e imprensa.

Cumpra salientar que foi escrupulosamente estudada a facilidade de entradas e saídas, e a ventilação natural, auxiliada pela artificial, por meio de aspiradores mecânicos, instalados em bocas abertas no forro, e eurrítmicamente distribuídas na decoração do mesmo.

A iluminação elétrica será de irradiação e reflexão, evitando, assim, que as múltiplas lâmpadas ofendam a visão dos espectadores.

O palco será ladeado de cômodos suficientes para os artistas de ambos os sexos, além de dois gabinetes de higiene, tendo ao fundo a cabine para o operador cinematográfico à prova de fogo.

SÚMULA CRONOLÓGICA DE TODOS OS CINEMAS DA BAHIA (1897-1918)

DAMOS, a seguir, uma nomenclatura noticiosa, de todos os cinemas que tem conhecido esta capital, desde o primeiro, inaugurado a 4 de dezembro de 1897, no Politeama, pelo Sr. Dionisio Costa até ao último, em nossos dias, o Recreio São Jerônimo, inaugurado a 30 de setembro de 1917.

De todos, em número de 29, fundados nesta capital num período de 21 anos (1897-1918), só subsistem 12 (querendo se incluir o Politeama) que são:

– Politeama Baiano, São João, Jandaia, Olympia, (ex: Iris-Teatro), Ideal e Recreio São Jerônimo na zona da cidade. Em seus arrabaldes:

– Avenida (Rio Vermelho), Popular (Itapagipe) e Recreio Fratelli-Vita (Calçada do Bonfim).

Todos esses são públicos, ainda há, porém, mais três particulares: os pertencentes ao Batalhão do 11º. Regimento de Infantaria (Forte de São Pedro), ao Liceu Salesiano do Salvador (Rua Cons. Almeida Couto), e ao Centro Católico (Santo Antônio da Mouraria), cujos

ingressos são por convites e funcionam irregularmente, só em certos e determinados dias do ano.

O Politeama Baiano, em rigor, não deve ser incluído nesta relação, porque como já o dissemos, não é, propriamente, uma casa de cinema, não foi construído para esse fim. É um teatro público, preferido pelas companhias que aqui aportam e só intermitentemente abre suas portas para uma temporada cinematográfica.

POLITEAMA BAIANO
(1891)

Rua do Politeama

O Proprietário - uma associação; Inaugurado - 4 de dezembro de 1897; (o cinema) Lotação: cadeiras de 1ª - 461; cadeiras de 2ª - 392; camarotes de 1ª - 31; camarotes de 2ª - 15; frisas - 18; galerias numeradas - 242; gerais - 500.

LUMIÈRE
(1898-98)

Rua Carlos Gomes, nº. 26

Prop.: Nicola Parente

Inaug.: 1898 (meados) - Ext.: 1898 - Lot.: cadeiras - 200.

Funcionava todas as noites, durante uns três meses, e era muito concorrido, possuindo magnífico aparelho. Foi o primeiro que trabalhou aqui com a luz *oxythérica*.

EDISON
(1898-99)

Praça Castro Alves

Prop.: Antônio de Oliveira Brancão e João Capistrano Ribeiro de Sousa

Inaug.: 1898 (fins) - Ext.: 1899 - Lot.: cadeiras - 200.

Funcionava todas as noites, dando duas sessões, por cima da Confeitaria Luso-Brasileira, onde está hoje estabelecida a Pensão Universal.

Inaugurado em fins de 1898 sempre muito concorrido, fechou, três meses após, seguindo seus proprietários para a vizinha cidade de Cachoeira, em 1899, cuja população pela primeira vez ficou conhecendo, também, um cinema.

Em Nazaré, para onde seguiram, depois, foram ainda os mesmos que fizeram ali funcionar, pela primeira vez, um aparelho cinematográfico.

Trabalhava, também, com a luz *oxythérica*, sendo o segundo e último cinema, nesta capital, que adotou esse sistema de luz, assaz perigosa, da qual foi vítima Feliciano Batista, em 1904.

O aparelho era da fábrica George Mendel, nº. 1 (para profissional), e o operador era Antônio de Oliveira Brancão.

CASSINO CASTRO ALVES
(1903-06)

Praça Castro Alves

Prop.: Carlos Lopes.

Inaug.: agosto de 1903 - Ext.: 1906 - Lot.: Ao ar livre, em um dos antigos parques da praça.

SÃO JOÃO
(1899)

Praça Castro Alves

Prop.: Governo do Estado (o teatro)

Inaug.: 1899 (o cinema) - Lot.: Platéia - 340 cadeiras; camarotes (3 ord. de 20 cam. cada uma) - 300 cadeiras; gerais - 400.

Funcionava todas as noites (matinês aos domingos, santificados e feriados) e é bastante concorrido.

Bom conjunto orquestral, composto de elementos nacionais e estrangeiros, do qual é pianista o Prof. Francisco Ferreira de Araújo Silva.

É seu gerente o Sr. Pedro Fernandes.

O teatro está locado, desde 1911 por contrato com o Governo do Estado, ao Sr. Cor. Ruben Pinheiro Guimarães, que nele explora cinematografia, e o gênero variedades, tendo-lhe introduzido importantes melhoramentos.

SANTO ANTÔNIO
(1907)

Praça Barão do Triunfo
(antigo Largo de Santo Antônio)

Prop.: Empresa Albony (repres. por Antonio Luis Gonçalves e Calixto Moreira Cabé)

Inaug.: 1907 - Ext.: 1907 - Lot.: cadeiras - 200.

Funcionava três vezes por semana, e aos domingos. Pouco mais de um mês depois de inaugurado, incendiou-se, em uma noite de espetáculo, por haver o operador, propositadamente, deixado queimar-se uma fita, subornado, como ficou averiguado, por alguém que

tinha interesse de prejudicar os proprietários. Não houve, felizmente, vítimas do desastre. Projetava-se, na ocasião do incêndio, o filme - *Jeanne d'Are*. Este cinema funcionara, antes, no mesmo ano de 1907, durante uns dois meses, em Itapagipe, à rua da Ribeira, de onde se transferiu para o largo de Santo Antônio, hoje Praça Barão do Triunfo.

SALESIANOS

(1907)

Rua Cons. Almeida Couto, nº. 19

Prop.: Liceu Salesiano do Salvador

Inaug.: março de 1907 - Lot.: cadeiras - 300.

Funcionava somente em feriados nacionais de gala ou dias festivos do estabelecimento. Possui uma banda de música de 30 figuras, formada de alunos do próprio Liceu, e um belo teatrinho para diversão dos mesmos.

BAHIA

(1909-11)

Rua Chile, nº. 1

Prop.: Umbelino Dias

Inaug.: 21 de outubro de 1909 - Ext.: 1911 - Lot.: cadeiras - 200.

Funcionava, todas as noites (matinês aos domingos e feriados), possuía conjunto elétrico.

Foi o mais elegante e bem montado de sua época, tornando se o *venâez-vous* da elite baiana.

**JANDAIA
(1910)**

Rua Dr. Seabra

Prop.: João Oliveira & Cia.

Inaug.: 4 de março de 1910 - Lot.: cadeiras - 450.

Funciona todas às noites (matinês aos domingos e feriados).

Possui conjunto eletrógeno, bom palco, e sala de espera, que se comunica com o bar e a Padaria Jandaia, dos mesmos proprietários. É um dos cinemas mais populares da capital. Projetam seus conceituados proprietários iniciar, dentro em breve, grandes obras de reforma, melhorando-o consideravelmente e elevando sua lotação a 1.500 cadeiras.

**BIJOU TEATRO CINEMA
(1910-11)**

Calçada do Bonfim

Prop.: Umberto Marchesini

Inaug.: 20 de agosto de 1910 - Ext.: 15 de maio de 1911 -
Lot.: cadeiras -300.

Funcionava no edifício próximo à estação da Estrada de Ferro, conhecido por Mira-mar, três vezes por semana.

POPULAR
(1910)

Rua da Madragoa, nº. 5 (Arrabalde de Itapagipe)

Prop.: Abeillard de Carvalho Rebello

Inaug.: 22 de outubro de 1910 - Lot.: cadeiras - 400.

Funciona às quintas-feiras, domingos e feriados.

Foi fundado pelo Coronel João Maria Rebello, sob cuja direção esteve até junho de 1918, (*)

AVENIDA
(1910)

Travessa de Santana (Arrabalde do Rio Vermelho)

Prop.: Serafim Cavadas & Irmão

Inaug.: novembro de 1910 - Lot.: cadeiras - 300.

Funciona aos domingos, santificados e feriados, na “Avenida Saudável”. Foi fundado pelo Coronel Umbelino Dias, que o inaugurou, na data acima, com a denominação de “Bahia-filial”, foi transferindo, meses após, à firma atual, que lhe tem feito muitos beneficiamentos, inclusive o da cobertura, pois funcionava ao ar livre.

(*) — Foi extinto em abril de 1919, inaugurando seu proprietário, sob a firma comercial Oliveira & Rebello, no mês seguinte, o Cinema Odeón, à Calçada do Bomfim, em um dos pavimentos do antigo prédio denominado Mira-mar, próximo à estação da Estrada de Ferro. Funciona três vezes por semana.

**CASTRO ALVES
(1910-11)**

Largo do Carmo

Prop.: Bittencourt & Mota

Inaug.: novembro de 1910 - Ext.: janeiro de 1911-Lot.:
cadeiras -180.

Funcionou primeiramente na cidade de Santo Amaro, ocorrendo um sinistro em a noite da estréia (2 de outubro de 1910), o incêndio total do Teatro São Pedro, causado por uma fita que se queimou. O teatro regorgitava de espectadores, mas, felizmente, todos se salvaram incólumes.

**CENTRAL
(1910-12)**

Praça Castro Alves

Prop.: Ulysses de Castro

Inaug.: 1910 - Ext.: 1912 - Lot.: cadeiras - 200.

Funcionava todas as noites, no pavimento térreo do Hotel Paris, e teve diversos arrendatários. Nele trabalhou, em dezembro de 1911, a Companhia do Cinema Rio Branco, do Rio de Janeiro, que exibiu as operetas; *Sonho de Valsa*, *Viúva Alegre*, *Dançarina descalça*, *Conde de Luxemburgo*, e as chistosas revistas - *Paz e Amor*, e *Chantecler*.

RECREIO FRATELLI-VITA
(1911)

Calçada do Bonfim, nº. 20

Prop.: Fratelli-Vita

Inaug.: 12 de fevereiro de 1911 - Lot.: cadeiras - 500.

Funciona aos domingos, e ao ar livre, em parte.

Possui grande área, ajardinada, em frente da fachada. No mesmo prédio está montada a grande fábrica de bebidas, especialmente licores e gasosas dos mesmos proprietários com filial na cidade do Recife. Este cinema, um dos mais aprazíveis, pelas comodidades que oferece ao público, é muito freqüentado pelas famílias e moradores de toda a zona, não pequena, que dista da Calçada aos arrabaldes do Bomfim e Itapagipe. Em algum tempo teve um conjunto orquestral, sob a direção da maestrina Luisa Leonardo. Possui conjunto eletrônico. É seu gerente o Sr. Domingos Papaléo.

BAHIA
(1911-15)

Largo do Papagaio, nº. 38 (Arrabalde de Itapagipe)

Prop.: Umbelino Dias

Inaug.: março de 1911- Ex.: 1915 - Lot.: cadeiras 200.

Funcionava duas vezes por semana, aos domingos e feriados, e era filial do seu homônimo, à Rua Chile. Teve, antes, em 1910, o título de Ideal, quando propriedade de Manuel Pinheiro; depois de Umbelino Dias, que o deixou em novembro de 1911, teve outros proprietários, entre os quais Alfredo Dorea, João Marínoni de Araújo, Amorim & Sepúlveda, Mendonça & Mendonça, que lhe conservaram o título. Extinguiu-se com esta última firma, em 1915.

RIO BRANCO
(1911-12)

Rua do Saldanha, nº. 2

Prop.: Gazineu & Araújo

Inaug.: julho de 1911 - Ext.: outubro de 1912 - Lot.: cadeiras - 300.

Funcionava todas as noites, fechado por seus fundadores em abril do 1912, foi reaberto, a 2 de julho do mesmo ano, por Manuel Ramos, proprietário do “Café Stela”, que lhe mudou o título para “Stela”. Três meses depois, em outubro, ficou extinto.

Nesse prédio, que tem grande lateral para a Praça 15 de Novembro, funcionou, durante os anos de 1891-95; o jornal político “Estado da Bahia” propriedade de uma associação, de que era diretor o falecido Cons. Dr. José Eduardo Freire de Carvalho, e principais redatores João Martins da Silva Telles, João Augusto Neiva, Drs. José de Oliveira Campos e Américo de Sousa Gomes. O Estado da Bahia fundado em substituição à Gazeta da Bahia (1879-90), apareceu em 21 de agosto do 1890, extinguindo-se em 1897.

ÍRIS - TEATRO
(1912-13)

Rua Dr. Seabra

Prop.: Coronel Ruben Pinheiro Guimarães

Inaug.: 14 de dezembro de 1912 - Ext.: 1913 (com o título de Eclair): cadeiras - 300.

Funcionava todas as noites (matinês aos domingos e feriados). Algum tempo depois de inaugurado, seu proprietário mudou-lhe o título para Éclair.

De novembro de 1913, quando passou a propriedade a outrem, em diante, teve outros títulos: Paz e Amor, Garaboo, Paz e Amor (de novo), e, por fim, Olympia, em fins de 1915, dado pela firma social Amaral & Oliveira, nome que conservou até hoje.

Tem tido este cinema diversos proprietários e locatários. Foi seu primeiro proprietário, o Sr. Coronel Ruben Pinheiro Guimarães (1912-13); em seguida Manuel Eustaquio Pinto (1913-14); Pinto & Lobão (1914-15); Amaral & Oliveira (1915); Bittencourt & Cia. (1916); Thomaz Antenor Borges da Mota, desde junho de 1916, sob cuja exclusiva responsabilidade ainda continua.

Foram seus locatários: José Ignacio da Silva Amorim (fins de outubro de 1914, a princípios de janeiro de 1915); Costa & Barbosa (março de 1915); e J. Vianna (abril de 1915).

SOLEDADE (1912-13)

Ladeira da Soledade, nº.112

Prop.: Coronel Ruben Pinheiro Guimarães

Inaug.: 18 de dezembro de 1912 - Ext.: 1913 - Lot.: cadeiras - 400.

Funcionava todas as noites, no antigo prédio conhecido por Palacete Bandeira.

**IDEAL
(1913)**

Ladeira de São Bento, nº. 3

Prop.: Antonio Luis Alves

Inaug.: 21 de janeiro de 1913 - Lot.: cadeiras - 226; entrad.
(frisas): 64; entradas, (balcão) 81.

Funcionava todas as noites (matinês aos domingos e feriados), no pavimento térreo do prédio contíguo ao Hotel Sul-Americano, pertencente ao mesmo atual proprietário do cinema.

Foi seu construtor, e primeiro proprietário, o Sr. Thomaz Antenor Borges da Mota (1913-15).

Sofreu radical reforma, feita por Mota, em 1915, que o transformou, após grandes obras, dando-lhe palco, que não existia, e a elegante feição atual.

Está, atualmente, arrendado ao Coronel João Gaudêncio de Lima.

E seu gerente o Sr. Enêas Farias.

**PETIT - CINEMA
(1913-14)**

Rua Dr. Agripino Dorea (Distrito de Brotas)

Prop.: Durval & Ferreira

Inaug.: 7 de setembro de 1913 - Ext.: fevereiro de 1914 -
Lot.: cadeiras - 255.

Funcionava três vezes por semana, e em dias feriados.

**RECREATIVO
(1913-14)**

Largo de Sant'ana (Arrabalde do Rio Vermelho)

Prop.: Manuel Sobrino Gonzalez

Inaug.: setembro de 1913 - Ext.: maio de 1914, - Lot.:
cadeiras - 250.

Funcionava no "Centro Recreativo", do mesmo proprietário,
aos domingos e dias santificados, ou feriados.

**CENTRO CATÓLICO
(1913)**

Largo de Santo Antônio da Mouraria

Prop.: Centro Católico Baiano

Inaug.: 1913 - Lot.: cadeiras - 300 (com capacidade para
o duplo).

Funciona em dias festivos, ou de conferências do "Centro",
no prédio da "Sociedade São Vicente de Paula", contíguo à igreja de
Santo Antônio da Mouraria.

Nesse cinema se têm realizado algumas conferências, acom-
panhadas de projeções cinematográficas.

O ingresso é por convites.

PARISIENSE
(1914-14)

Praça Duque de Caxias, nº. 4 E 6 (antigo Campo Grande)

Prop.: Aurélio Gonzalez Cal e Manuel Affonso Vianna

Inaug.: fevereiro de 1914 - Ext.: novembro de 1914 - Lot.:
cadeiras - 350.

Funcionava no pavimento superior do “*Ckalet Parisiense*”,
todas as noites, ao princípio, e depois três vezes por semana.

FORTE DE SÃO PEDRO
(1914)

Praça da Aclamação

Prop.: Regimento 11.º de Infantaria

Inaug.: 24 de maio do 1914 - Lot.: cadeiras - 400 (podendo
comportar o duplo).

Funcionava aos sábados e feriados de gala nacional, no
começo, e hoje quinzenalmente, na grande área do quartel do Forte
de São Pedro.

Pertencia, antes, ao extinto Batalhão 50,º de Caçadores, e
fundado pelo seu, então, comandante, Tenente-coronel Francisco Ca-
bral da Silveira, com o intuito de desenvolver a educação cívica e moral
das praças. É frequentado, entretanto, por famílias, mediante convites.

BARRA
(1914-18)

Rua Barão de SergY, Nº. 22 (Arrabalde da Barra)

Prop.: Coronel Ruben Pinheiro Guimarães (primitivo)

Inaug.: 24 de dezembro de 1914 - Ext.: junho de 1918 - Lot.:
cadeiras - 300 (podendo comportar o duplo).

Funcionava quatro vezes, por semana, e em dias santificados
ou feriados.

Fundado e inaugurado pelo Coronel Ruben Pinheiro Gui-
marães, passou, a datar de 3 de setembro de 1917, a ser propriedade
de Waldemar Campos.

Era frequentado, especialmente por famílias do arrabalde
da Barra, e da avenida da Vitória.

OLYMPIA
(1915)

Rua Dr. Seabra

Prop.: Thomaz Antenor Borges da Mota

Inaug.: 1915 - Lot.: cadeiras - 300.

Funciona todas as noites (matinês aos domingos, santifica-
dos e feriados).

Foi inaugurado, sob este título de Olympia, em fins de 1915,
por Henrique do Amaral e Augusto de Oliveira (Amaral & Oliveira).

Iris-Teatro foi o seu primitivo nome, teve, ainda, outros, já
mencionados.

Em meados de 1915 passou a pertencer, exclusivamente, ao
Sr. Thomaz Antenor Borges de Mota, que está terminando as grandes
obras de reforma radical, iniciadas com o intuito de dotar esta capital do

um edifício condigno, em condições de ficar sendo um dos bons teatros da Bahia, por sua execução técnica, comodidade pública, e lotação.

Esta, pela reforma, será de 700 cad. na platéia; - 20 frisas; - 28 camarotes; e mais uma galeria em todo o circuito da sala de espetáculos, podendo comportar 300 pessoas.

É um dos mais populares.

CINE VENUS

(1916-16)

Rua Carlos Gomes, N. 25

Prop.: Baptista & Castro

Inaug.: 10 de novembro de 1916 - Ext.: 31 de dezembro de 1916 - Lot.: cadeiras - 100.

Funcionava todas as noites, e era de gênero livre. Denominaram-no Lâmpada Vermelha, sua única iluminação externa.

Funcionou, antes, durante poucos dias, na Pensão Universal (Praça Castro Alves, nº. 107) sob a mesma firma.

RECREIO SÃO JERÔNIMO

(1917)

Praça 15 de Novembro

Prop.: “Obra Social Católica”

Inaug.: 30 de setembro de 1911 - Lot.: cadeiras - 400.

Funciona três vezes por semana, dias santificados ou feriados, no salão da antiga Biblioteca Pública, sito ao andar superior (lado do mar) da igreja Catedral.

Possui conjunto eletrógeno, e um motor de explosão.

CONCLUSÃO

Eis aí a historieta dos Cinemas da Bahia, desde a sua aparição nesta capital em 1897, até ao ano de Cristo de 1918, num ciclo, portanto, de 21 anos.

Continuá-la, não será agora tão difícil a quem quer que seja, dotado de bom ânimo, quanto o foi para nós, pelo penosíssimo trabalho das investigações orais, e rebuscamento, ainda, no repositório da imprensa, num dever a que nos impusemos de só registrar fatos verdadeiros.

A sociedade baiana ou a quem interessar possa, oferecemos este trabalho que talvez não tenha valor algum.

Mas... já o dizia Alexandre Herculano: “...Por pobre que cada se julgue, venha com sua mercadoria, que alguém lhe achará o preço”.

(Bahia, 31 de dezembro de 1918).

Sílio Boccanera Junior.

TÍTULOS JÁ PUBLICADOS DA COLEÇÃO NORDESTINA

1. A Abolição e a República

Joaquim Nabuco

UFPE

2. A ciência e os sistemas

Pedro Américo

UFPB

3. A Escrita da História na Casa de Sergipe - 1913/ 1999

Itamar Freitas

UFS

4. Acusação e Defesa

Frei Caneca

UFPE

5. Antecipações

Gilberto Freyre

UPE

6. Antologia panorâmica do conto baiano - século XX

Gerana Damulakis

UESC

7. Apontamentos Folclóricos

Frederico Edelweiss

UFBA

8. Aves de arrição

Antonio Sales

UFC

9. Canais e Lagoas *

Octávio Brandão

UFAL

10. Cancioneiro Geral Vol. 2

Martins Napoleão

UFPI

11. Cartas Literárias

Adolfo Caminha

UFC

12. Catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social

Thales de Azevedo

UFB

13. A Ciência e os Sistemas: Questões de História e Filosofia Natural

Pedro Américo

UFPB

14. Como melhorar a escravidão

Henry Koster (trad. Nelson Priota)

UFRN

15. Contos

Adolfo Caminha

UFC

16. Cordéis

Patativa do Assaré

UFC

17. Delírio da Solidão

Jader de Carvalho

UFC

18. Economia pernambucana no século XVII

Manoel Correia de Andrade

UFPE

19. Flor de romances trágicos

Luis da Câmara Cascudo

UFRN

20. Frei Caneca: acusação e defesa

Socorro Ferraz

UFPE

21. História da Minha Infância

Gilberto Amado

UFS

22. História do Modernismo em Alagoas

Moacir Medeiros de Sant'ana

UFAL

23. Horto

Auta de Souza

UFRN

24. Imagens de um Tempo em movimento - Cinema e Cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)

Maria do Socorro Silva Carvalho

UFBA

25. Índios Tupi-Guarani na Pré-História

Moacyr Soares Pereira

UFAL

26. Joaquim Nabuco: abolição e a república

Manuel Correia de Andrade

UFPE

27. José Lins do Rego: modernismo e regionalismo

José Aderaldo Castelo

UFPB

28. Macau

Aurélio Pinheiro

UFRN

29. Maceió de outrora

Felix Lima Júnior

UFAL

30. Memórias: antes que me esqueça

José Américo de Almeida

UFPB

31. Naufrágio e prosopopéia

Afonso Luiz Piloto e Bento Teixeira

UFPE

32. Nossa Senhora dos Guararapes

Bernardino Freire de F. A. e Castro

UFPE

33. O bangüê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional *

Manoel Diegues Júnior

UFAL

34. O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social

Thales de Azevedo

UFBA

35. O conto em 25 baianos

Cyro de Mattos

EDITUS

36. O Príncipe de Joinville na Bahia, na Ilha de Santa Helena e no Golfo da Guiné

Waldir Freitas Oliveira

EDUFBA

37. Os índios tupi-guarani na pré-história, suas invasões do Brasil e o Paraguai, seu destino após o descobrimento *

Moacyr Soares Pereira

UFAL

38. Os Portugueses no Brasil - Estudo Histórico e Crítico (séc. XVI ao séc. XIX)

Felisberto Freire

UFS

39. Termo tupi na geografia de Sergipe

Armindo Guaraná

UFS

40. Um código setencista inédito de Gregório de Matos

Fernando da Rocha Peres e Sílvia La Regina

UFBA

41. Zé Limeira: o poeta do absurdo

Orlando Tejo

UFPB

42. A mestiçagem no Brasil

Arthur Ramos

UFAL

43. Cachaça: contos

Franciso Julião

UFPE

44. Utopia Armada

Dirceu Lindoso

UFAL

45. O Engenho do Açúcar no Nordeste

Manuel Diegues Júnior

UFAL

46. O Brasil, o Poder e o Povo

Miguel Arraes de Alencar

UFPE

47. Ação da Bahia na obra da independência nacional: em nome da Comissão executiva do centenário da independência neste estado

Braz do Amaral

UNEB e UFBA

48. O Reisado Alagoano

Théo Brandão

EDUFAL

Este livro foi publicado no formato 15x22cm

Miolo em papel pólen 75 g/m²

Tiragem 1000 exemplares

Impressão e acabamento:

EGBA

SOBRE O AUTOR

Silio Boccanera Júnior nasceu em Salvador em 3 de fevereiro de 1863. Formou-se pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Desempenhou cargos públicos. Dirigiu o Teatro São João, fundou agremiações literárias e era sócio da Academia Baiana de Letras e de outras agremiações literárias e científicas. Publicou duas obras com documentos que salvou do extravio, relativos ao maestro Carlos Gomes e foram subvencionadas pela municipalidade da capital baiana.

Sílio Boccanera Júnior nasceu em Salvador em 3 de fevereiro de 1863. Formou-se pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Desempenhou cargos públicos. Dirigiu o Teatro São João, fundou agremiações literárias e era sócio da Academia Baiana de Letras e de outras agremiações literárias e científicas. Publicou duas obras com documentos que salvou do extravio, relativos ao maestro Carlos Gomes e foram subvencionadas pela municipalidade da capital baiana.

ISBN 978-85-86873-82-9



9 788586 873829

ISBN 978-85-23204-68-6



9 788523 204686